

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

HARIAGI BORBA NUNES

**“O CORPO HISTÓRICO: MEU DILDO GOZA TERRORISMO”
PÓS-PORNOGRAFIA E PORNOTERRORISMO NA CONTEMPORANEIDADE -
UMA ANALÍTICA DE RUPTURA**

Porto Alegre

2016

“CORPO HISTÓRICO: MEU DILDO GOZA TERRORISMO”
PÓS-PORNOGRAFIA E PORNOTERRORISMO NA CONTEMPORANEIDADE -
UMA ANALÍTICA DE RUPTURA

HARIAGI BORBA NUNES

Monografia apresentada para o curso de
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial
para a obtenção de grau de licenciada em
História.

Orientadora:

Prof.^a. Natalia Pietra Méndez

Porto Alegre

2016

AGRADECIMENTOS

Dedico essas linhas e este trabalho a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida e me constituíram como agente das minhas próprias decisões e ações. A série de vivências e lugares que passei que desterritorializaram meu corpo, sexualidade e mente. Obrigada a todes!

Agradeço imensamente fazer parte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como aluna, ativista, feminista, anarquista e, principalmente, como sujeita de sociabilização. Quero agradecer a todas(os) a(o)s funcionária(o)s, colegas e professores que atravessaram meu corpo nesses 5 anos de graduação e fizeram-me questionar, problematizar e indagar verdades e naturalizações.

Agradeço imensamente Natália Pietra Méndez pela oportunidade da orientação e por ter aceitado com boa fé a escrita deste trabalho de conclusão de curso. Natália, obrigada por ser uma professora maravilhosa que possibilita aprendizados incríveis para suas alunas.

Gratifico minha amiga e orientadora de Iniciação Científica Paula Sandrine Machado e aos colegas do grupo de estudos sobre Interssexualidade e nossas reuniões, sempre recheadas de debates calorosos, risadas amigáveis e chás que calentavam o coração. Vocês são Bapho!

A minha irmã por transbordar energia vital, amor, sororidade e transmutalidade de almas e energias. Por ser meu espelho, por me dar força, por me fazer ser – desde que te conheci – uma pessoa maravilhosa, que brilha tanto quanto tu. Pela troca de amor e de vivências, te amo Francisca Magalhães.

As irmãs que escolhi, Putinhas Aborterías: Amanda Delfim, Betina Inda, Caroline de Lima, Daniela Dell'Aglio, Carolina Maia, Cecilia Richter, Ge Pyrata, Karitha Soares. Meu muito obrigada pelos ensinamentos e trocas sobre feminismo, pelos afetos e choros que nos cobriam de força e vontade de lutar, por esses três anos de empoderamento e experiência. Amo vocês!

Aos meus colegas de curso, amigos de vida e debatedores de teoria: Bárbara Schall, Bruna Kopell, Carla Moura, Gabriel Troccoli, Lauren Graef, Larissa Éris Grimm, Luana Santos, Luiz Pedro Moreira, Nina de Castro, Roberta Miranda, Rodrigo Moraes Alberto, Samir Gonzaga, Thamirez Martins, e outros. Agradeço imensamente cada pedacinho de vocês que está comigo.

Aos meus pais e minha irmã, meu amor incondicional. Obrigada pelos ensinamentos e pela persistência em um mundo melhor, é de vocês a base sólida desses 5 anos de graduação.

As novas sementes de amor: Luna, Luara e Mel.

“Necesitamos inventar nuevas metodologías de producción del conocimiento y una nueva imaginación política capaz de confrontar la lógica de la guerra, la razón hetero-colonial y la hegemonía del mercado como lugar de producción del valor y de la verdad.(...)Hablamos de la transformación de los dominios moleculares de la sensibilidad, de la inteligencia, del deseo . Se trata de modificar la producción de signos, la sintaxis, la subjetividad. Los modos de producir y reproducir la vida”

Paul B. Preciado *Decimos Revolución*¹

“ A viadagem não é santa e jamais será. O beijo lésbico é sim um terrorismo. E todos os pecados continuarão sendo pecado”.

Alkateiapornoterrorista²

1 PRECIADO, P.B. *Decimos Revolución*. In: Miriam Solá & Elena Urko (org.), *Transfeminismos – epistemes, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, 2013

2 Apresentação pornoterrorista por Alkatéiapornoterrorista. Agosto/2015. Porto Alegre.

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de explorar o corpo pós-pornográfico e pornoterrorista como brecha teórica para repensarmos os essencialismos e as naturalizações destinadas aos corpos na escrita da História. Iremos apresentar historicamente a construção da ideia de dois sexos diferentes e incomensuráveis, e como esse discurso estabeleceu-se por meio da medicina, anatomia, biologia e as teorias sócio-políticas do século XIX, criando uma verdade normativa e inquestionável sobre o sexo até hoje. Por meio de filósofos como Michel Foucault, Judith Butler, Joan Scott, Donna Haraway e Paul B. Preciado iremos repensar a produção discursiva normalizadora dos corpos e expor o desvio epistemológico – descentrando o conceito de natureza pelo de tecnologia - para reapropriar novos códigos de sexualidade, gênero e sexo através da análise de três coletivos que fazem ações pós-pornô e pornoterroristas na Espanha: Post-Op, Quimera Rosa e Diana Pornoterrorista, concluindo que a emergência desses corpos e práticas revolucionam a escrita da História.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Pornografia, Pornoterrorismo, História, Pós-feminismo, Gênero e Sexualidade.

ABSTRACT

This work has the purpose of explore the post-pornographic and pornterrorist body as a theoretical way to rethink essentialisms and naturalizations over the body on the writing of history. We are going to historically introduce the construction of two different and incommensurable sexes, and how this speech has been settled by the medicine, anatomy, biology and social-political theories of XIX century, creating a normative and unquestionable truth about sex that remain until nowadays. Using as references philosophers as Michel Foucault, Judith Butler, Joan Scott, Donna Haraway e Paul B. Preciado, we pretend to rethink the discursive production that normalizes the body and expose the epistemological deviation – replacing the concept of nature by the one of technology – to reappropriate new codes of sexuality, gender and sex based on analysis of three post-porn and pornterrorist organizations in Spain: Post-Op, Quimera Rosa and Diana Pornoterrorista. Concluding that the emergence of these bodies and practices revolutionized the writing of historiography.

KEY- WORDS: Post- Pornography, Pornoterrorism, history, post-feminism, gender and sexuality

Sumário

1 - INTRODUÇÃO	9
2 - CORPO: TERRITÓRIO DE DISPUTA	11
2.1 - LAQUEUR : DO GÊNERO À CONCRETIZAÇÃO DOS SEXOS	12
2.3 - O REPENSAR DO CORPO	23
3 - “GOZO COMO ARMA POLÍTICA” – A BIOPOLÍTICA DO SEXO.....	30
3.1 - PÓS-PORNOGRAFIA E PORNOTERRORISMO	31
3.2 - O DISPOSITIVO E A FARMACOPORNOGRAFIA: a insurgência dos códigos de verdade	36
3.3 - DESTRUINDO A NATUREZA: Tecnologia como arma ontológica	41
3.4 - EJACULANDO COM PRÓTESES E UMA MÁQUINA – Sujeito Cyborg e as práticas contrassexuais	44
4 - CORPO EM FÚRIA: PRÁTICAS PÓS-PORNOGRÁFICAS E PORNOTERRORISTAS NA ESPANHA	50
4.1 - ESPANHA: A MULTIDÃO TRANSFEMINISTA	51
4.2 - POST-OP: A MÁQUINA INCAPACITADA	53
4.3 - QUIMERA ROSA: O HÍBRIDO PÓS-PORNÔ	55
4.4 - DIANA TORRES: A POETISA PORNOTERRORISTA	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXOS.....	66
Anexo 1	66
Anexo 2	67
Anexo 3	68

1 - INTRODUÇÃO

Início este texto pressupondo que a heterossexualidade é uma categoria inventada, criada e moldada para ser uma verdade normalizadora. Coloco-me aqui como agente e produto desta norma as vias de desinventar -(me) se. A sujeita que escreve e cria esta narrativa é mulher, não-branca, cisgênera, universitária, anarquista e com sexualidade não definida, mas estrategicamente e politicamente identificada como “Sapatão”³. Nascida no berço de uma família nuclear do interior do Estado, recebeu de instituições de poder-saber – formadoras de sujeitos disciplinados – engessamentos, repressões, adestramentos e controle, mas também, a brecha que à faz escrever o que aqui se dedica: pós-pornô e pornoterrorismo como fissura teórica para repensarmos as naturalizações históricas nas construções dos corpos ditos homens e mulheres.

Este trabalho tem duas finalidades teórico-políticas sobre o corpo: a primeira de cunho metodológico perante à disciplina de História – repensar as naturalizações de essencialismos impostos anacronicamente sobre as categorias de homens e mulheres, denunciando o malefício discursivo da inexistência de outras corporalidades na escrita da História para um presente de representatividade. Expondo - a partir dos discursos médicos e científicos - a construção dos sexos como norma axiomática universal e inquestionável, percebendo a possibilidade de desvio e reapropriação dessas verdades por corpos ditos “abjetos”. A segunda – complementar da primeira – encarrega-se da ruptura epistemológica em relação ao conceito de natureza como essência fixa e pré-discursiva, visibilizando a potencialidade do corpo pós-pornográfico e pornoterrorista não-naturalizado como reapropriação dos códigos de sexualidade hegemônicos, possibilitando a emergência de multicorporalidades. Para traçar este nebuloso, porém excitante, caminho em direção aos códigos de sexualidade e construção dos sexos como norma, apresentarei três capítulos: *Corpo: território em disputa*; *Gozo como arma política: a biopolítica do sexo*; e *Corpo em fúria: as práticas pós-pornográficas e pornoterroristas na Espanha*.

3 Coloco-me como Sapatão pois entendo que não é uma categoria identificatória essencializadora nem pré-discursiva. Encontro nela um espaço localizado, político e estrategicamente subversivo.

O primeiro capítulo expõe, através dos escritos de Thomas Laqueur, a construção histórica dos séculos XVIII e XIX sobre o sexo, por meio, da análise discursiva da medicina, anatomia, biologia e teorias-sociais, demonstrando a passagem da ideia de sexo único para a concepção de dois sexos incomensuravelmente diferentes que temos hoje: homens e mulheres. Juntamente com Laqueur, a bióloga e historiadora da ciência, Anne Fausto-Sterling apresenta os processos médicos e patologizantes dos corpos desviantes – neste caso os corpos Intersex⁴ - e como constrói-se artificialmente uma “normalidade médica” sobre os corpos reflexo da permanência naturalizadora da divisão dos dois sexos. Ao estudarmos corpos necessariamente falaríamos de Judith Butler e Joan Soctt, em relação à produção discursiva e política-filosófica das construções de corporalidades, entendendo-as como performáticas e materializadas através do sexo, gênero e sexualidade.

O segundo capítulo apresenta a pós-pornografia e o pornoterrorismo por meio das teorias de reapropriação discursiva da sexualidade heterocisnormativa⁵, com: Michel Foucault – usando o conceito de Dispositivo da sexualidade; Paul B. Preciado – plastificando a Natureza com as concepções de Tecnologia e Farmacopornografia; e Donna Haraway – traçando as possibilidades do novo sujeito cibernético. Estas teorias relacionadas às práticas contrassexuais de Preciado, no livro *Manifesto Contrassexual*⁶, e a metáfora do *Cyborg* explorada por Haraway dão sustentação à desontologização teórica e corporal produzida pelas ações pós-pornográficas e pornoterroristas, desterritorializando os conceitos fixos de natureza, sexo, homem, mulher, sexualidade.

O terceiro capítulo é a exposição materializada dos debates e pensamentos formulados no segundo capítulo. Neste último momento apresento as práticas pós-pornográficas e pornoterroristas, que tem por finalidade a reapropriação de códigos audiovisuais e o poder de descentrar corporalidades normativas da pornografia comercial. Para a analítica destas formulações vou apresentar três grupos espanhóis que trabalham com pós-pornografia e

4 Termo geral usado para uma variedade de condições em que uma pessoa nasce com uma “anatomia” reprodutiva ou sexual, que não encaixa-se em definições médico-socais típicas de sexo feminino ou masculino.

5 Regime hegemônico dos corpos: heterossexuais e cisgêneros dentro de uma normatividade.

6 Preciado, B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

pornoterrorismo: Post-OP, Quimera Rosa e Diana Pornoterrorista. Escolhi esses três grupos por uma relação identitária anarquista e pelo seu amplo reconhecimento no meio pós-pornográfico. As ações desses coletivos sustentam as teorias apresentadas, visibilizando as possibilidades corpóreas e políticas de novas formas de reler textualmente o sexo, e os caminhos para praticá-lo de outras formas não-naturalizadas.

Dispa-se ao novo e vem comigo...

2 - CORPO: TERRITÓRIO DE DISPUTA

A proposta do capítulo que aqui inicia é de cunho problematizador sobre a inserção do corpo na história. Partindo da premissa de que alguns conceitos aparecem de forma inquestionável e naturalizada dentro da escrita desta disciplina, é de extrema importância que reconheçamos os usos essencializadores e anacrônicos que produzimos ao tratarmos, como por exemplo, o corpo de forma universal, a-temporal, e pré-definido entre homem ou mulher. Por esta razão proponho o diálogo entre a construção histórica de dois sexos biológicos e diferentes (homens e mulheres) - consolidada nos séculos XVIII e XIX no Ocidente e ainda em intensa invenção: como surge a diferença sexual legitimada pelo saber médico? Qual o poder da anatomia na consolidação dessa verdade sobre o sexo? De que forma essas verdades tomam dimensões inquestionáveis dentro de um sistema de pensamento? - e a questão conceitual/linguística e política de repensar o corpo: como é construído um corpo? Que poderes e verdades atuam nessa construção? Que leis e normas pré-estabelecem um corpo antes da sua existência como sujeito?

Tendo como principal referência Thomas Laqueur⁷, analisando como aconteceu a transição de uma percepção de sexo único para a atual ideia de dois sexos, aprofundando as transformações no decorrer dos séculos XVIII e XIX dentro da anatomia médica – com a descoberta dos órgãos internos como: útero, ovários; e ainda aos “avanços” sobre menstruação, orgasmo - estendendo essa percepção para outros saberes sociais legitimadores, penetrando no cotidiano a “sexualização dos corpos” como diferença natural do ser humano.

Estas percepções são sustentadas pela medicina, sendo construídas por sujeitos legitimados pelo discurso científico - localizados em uma elite de conhecimento, inseridos em

7 LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

uma sociedade que cria uma norma heterossexual hegemônica dos corpos, onde noções de masculino, feminino, heterossexual, homossexual circulam como dadas e inquestionáveis⁸.

Anne Fausto- Sterling, bióloga e historiadora, analisa esse poder médico sobre os corpos de pessoas ditas Intersex pela medicina moderna. A ideia dos dois sexos ainda persiste desde que Laqueur os estudou, mas a efervescência dos estudos biomédicos e moleculares abre espaço para análises mais profundas sobre a diferença. Ser homem ou mulher não necessariamente sustenta-se somente nos órgãos genitais externos, mas em uma composição microcorpôrea de vários fatores cromossômicos e moleculares que sustentam mais um sexo que o outro, no caso das pessoas Intersex. É por meio desses estudos, historicamente bem contextualizados, que dou início ao cortejo questionador pelos caminhos nublados e misteriosos do corpo.

2. 1- LAQUEUR : DO GÊNERO À CONCRETIZAÇÃO DOS SEXOS

Durante o final do século XVII e meados do XVIII, dá-se o impulso da lenta transição da percepção de um sexo único para dois sexos. A concepção de um sexo único, herdada pelos Gregos, passa a perder legitimidade perante a descoberta médica da diferença sexual no século XIX.

Segundo Laqueur o sexo único, estabelecido por Galeno na antiguidade, era reflexo da importância social que o mesmo tinha, ou seja, quem estabelecia a diferença de corpos não era o sexo, pois ele era uno, e sim o gênero. As diferenças, como argumenta Laqueur, entre “o feminino e o masculino são de grau e não de espécie” (LAQUEUR, 2001 p.192), o reconhecimento do gênero perante a sociedade era a máquina legitimadora do corpo. A dessemelhança sobre ser homem ou mulher estava na passabilidade do seu gênero e não na

8 Escala Kinsey, é um método médico para medir a sexualidade das pessoas em heterossexuais e homossexuais, senda a heterossexualidade a referência 0 ou natural da escala. (FASUTO-STERLING, 2006)

potencialidade do seu sexo. Esta percepção sobre o corpo em relação ao gênero é fruto da hegemonia do sexo único.

Para Galeno, a diferença entre homens e mulheres era uma questão de grau de perfeição. O corpo tornava-se diferente dentro de uma escala de calor, sendo o corpo masculino o referencial perfeito do mais quente, e o feminino, conseqüentemente, do menos quente. Dentro dessa equivalência Galeno acreditava que os órgãos genitais masculinos eram para fora devido ao calor em potencial do corpo de expulsá-los, e os órgãos genitais femininos, em uma escala comparacional ao do masculino, eram para dentro pois esse corpo não era tão aquecido quanto o outro para exercer a externalização dos órgãos. Os ovários eram os testículos, o canal vaginal o pênis, e assim se estabelecia a linguística e os comportamentos sociais através da medicina da época. As mulheres não eram diferentes, mas inferiores em relação aos seus órgãos menos desenvolvidos. Em um dos seus escritos, Aristóteles alega que “os testículos são produzidos nas mulheres para que elas possam produzir sêmen” (apud LAQUEUR, 2001 p. 193).

Estes argumentos são reflexo social do entendimento dos corpos. Segundo Laqueur, a visão de sexo único – pouco trabalhada por mim aqui - reflete a concepção cósmica das coisas, faz parte de uma forma de entendimento temporal e espacial de uma ordem universal estabelecida por um sistema de pensamento mais distante do racional e cético que vem engatinhando a partir do século XVIII, após as revoluções burguesas.

Um sistema de crenças que enquadrava sujeitos fantasiosos - como relata Laqueur “Monges lactantes, mulheres que nunca comiam e exudavam uma doce fragrância, mudanças de sexo ao capricho da imaginação, corpos no paraíso sem diferença sexual, nascimentos monstruosos, mulheres que gerariam coelhos” (LAQUEUR, 2001 p. 242) – dentro da escala de possibilidades de ser homem e mulher. Com a inserção do modelo de dois sexos, estes sujeitos fluidos não têm mais a possibilidade, em questão de gênero, de existirem. A medicina estabelece sua função social a partir do sexo – ser homem ou mulher passa a ter uma importância anatômica e genital. Homens nascem com pênis e são fortes e inteligentes;

mulheres nascem com vagina e naturalmente feitas para a reprodução, à vida delas é o lar e a família.

Para Laqueur, a transição do sexo único para os dois sexos iniciada no século XVIII – que ainda continua acontecendo - perpassa a história de uma forma política e epistemológica. O distanciamento de um mundo cósmico e hierarquicamente estruturado em figuras e crenças multiplurais inicia seu encolhimento em relação a uma percepção mais centralizada no indivíduo e nos poderes da ciência “Todas as formas complexas onde as semelhanças entre corpos, e entre corpos e o cosmo, confirmavam uma ordem de um mundo hierárquico foram reduzidas a um único plano: a natureza”. (LAQUEUR, 2001 p. 191)

Esta nova percepção não fez com que as antigas desaparecessem, mas sim com que as estruturas de se pensar verdades hegemonizassem o modelo científico de dois sexos. As produções realizadas cientificamente - em uma relação dialética com a assimilação destas produções pela sociedade - estabeleciam esta diferença dualista: “divisão entre o possível e o impossível, entre o corpo e o espírito, entre verdade e a falsidade, e entre o sexo biológico e o gênero teatral”(LAQUEUR, 2001 p. 191) entre a natureza e a cultura. Esta reviravolta epistemológica proporcionada pela ciência e o novo modelo de dois sexos, reestruturou a sociedade Ocidental, baseada na biologia e nas teorias sociais oitocentistas, os novos corpos que apresentavam-se eram - desde sua “essência”- reflexo da divisão natural entre machos e fêmeas.

No final do século XVIII e início do XIX, como observa Laqueur, os médicos cientistas e anatomistas – baseados nos intelectuais das teorias sociais como: iluminismo, darwinismo, mecanismo cartesiano, epistemologia empírica, síntese newtoniana – condicionaram a diferença sexual dos corpos a partir de comparações com outras espécies animais. O macho e a fêmea transformam-se no homem e na mulher, e os experimentos científicos aplicados nesses animais eram legitimados ao refletirem o “comportamento natural” que os seres humanos iriam exercer na vida em sociedade.

Laqueur conta a história de um anatomista que para “ter certeza de que seus leitores haviam compreendido bem seu ponto” fez questão de representar o corpo feminino na figura de um avestruz, e o masculino na de um cavalo. A representação do cavalo como homem era o recorte exato da construção da virilidade, força, velocidade atribuídas ao corpo masculino: “a iconografia do cavalo era óbvia em um mundo onde o animal era criado em razão da sua velocidade, força e resistência, e onde o homem a cavalo ainda representa autoridade” (LAQUEUR, 2001 p. 206). Já o corpo avestruzesco era relacionado com a mulher: “Sua enorme pélvis em proporção ao corpo chama a atenção do observador para a característica análoga da mulher”. A arena da anatomia, como observa Laqueur, era um campo de conflito e produção de verdades sobre o corpo.

Em relação à embriologia, a declaração de Harvey em 1651 de que a vida origina-se de um óvulo, passa a ser complementada com a descoberta de Anton van Leuwenhoek de que: “[ele] detectou Inúmeros Animais minúsculos no esperma masculino” (apud LAQUEUR, 2001 p. 210), passando para o poder masculino, mais uma vez, a vida da humanidade. Esses estudos sobre as particularidades entre o “interior” de homens e mulheres, refletem sempre nos comportamentos desejados de ambos no âmbito social:

O sexo social projetou-se na direção do sexo biológico, a nível dos próprios produtos generativos microscópicos. (...) o óvulo passou a ser visto como um ninho meramente passivo, onde o menino ou a menina, comprimidos em cada animáculo, engordavam antes de nascer. A fertilização tornou-se uma versão em miniatura do casamento monogâmico, onde o animáculo/marido conseguia entrar na única abertura do óvulo/esposa, que então se fechava e “não permitia que nenhum outro ser entrasse. (LAQUEUR, 2001 p. 210)

Além dos animais, a medicina também traça comparações com as plantas – que agora possuíam sexo e sexualidade :

O pistilo, oriundo da palavra latina *pistillum*, tornou-se o nome do ovário com suas sementes. O estame – na verdade a extremidade da antera – de onde emana o pólen, tornou-se o pênis botânico. (...) daí parece racional chamar esses ápices por nomes mais nobres e atribuí-les a importância dos órgãos sexuais masculinos; o sêmen, o pó que constitui a parte mais sutil da planta, acumulou-se a base do famoso sistema de classificação de Lineu (LAQUEUR, 2001 p. 210)

Estas representações longe de serem inocentes ou mostrarem beleza das metáforas, produzem e demarcam a possibilidade dos sexos e a imobilidade da natureza. Se os seres humanos são mais uma espécie da terra e as demais espécies refletem as verdades da natureza em relação ao sexo, porque deveríamos ser diferentes? A legitimidade do corpo sexual a partir das plantas, dos animais e das moléculas internas do nosso corpo – estudos médicos – criam e cobram comportamentos, ações e uma vida de mulheres e homens. O que se produz nos laboratórios médicos é imbuído de valores do que já se entendia por homem e mulher no século XIX, porém estas verdades penetram ainda mais na subjetividade ocidental através de escritos teóricos, como os de Rousseau, e outros importantes pensadores do século.

Concomitantemente com o avanço da medicina sobre o corpo da mulher demarcando bem a divisão sexual, a escrita dos intelectuais iluministas vinha ao encontro do que estava sendo produzido nos laboratórios. Laqueur nos lembra que os médicos eram sujeitos legitimadores de um conhecimento e representantes da sociedade, produtos e produtores do discurso da incomensurabilidade dos corpos.

vários médicos também escreveram com diversos intuitos políticos e culturais, e conseqüentemente produziram uma variedade de discursos sobre diferença sexual. Mas seu prestígio profissional e seu direito de falar sobre esses assuntos baseavam-se na convicção de que essas diferenças residiam fundamentalmente no corpo. (LAQUEUR, 2001 p. 234)

Ao analisar discursos como os de Rousseau, Laqueur aprofunda a expansão da ideia de natureza e divisão sexual dos corpos. Partindo da pressuposta importância desse intelectual para nos entendermos como sujeitos herdeiros do pensamento ocidental, o colocamos, também, como profícuo “patrocinador” da legitimidade dos dois sexos e transportador esta perspectiva para a construção de uma nova sociedade, como é o caso da Revolução Francesa.

obviamente, os que se opunham a um crescente poder civil e privado das mulheres – na grande maioria homens articulados – criaram a evidência da inadequação física e mental das mulheres para esses avanços: seus corpos não eram adequados aos espaços que a revolução abriria inadvertidamente. (apud LAQUEUR, 2001 p. 242)

Laqueur analisa obras de muitos teóricos sociais - da França, Inglaterra e Alemanha - nas quais aparece explicitamente a política da divisão dos sexos, constantemente colocando a mulher como um ser inferior ao homem a partir das discussões apresentadas pelo saber médico, transferidas, desse modo para as narrativas sócio-políticas. O enfoque do autor nesta abordagem é demonstrar como a divisão dos sexos permeia o pensamento social da época - estudando inclusive obras de duas mulheres que partiam do pressuposto da incomensurabilidade dos corpos, para criar teorias nas quais as mesmas também tivessem seu espaço legitimado. Por uma questão de recorte espacial dentro do texto, abordarei rapidamente as ideias gerais de Rousseau e de Sarah Ellis.

Em *Emílio*⁹, por exemplo, Rousseau argumenta que “O homem é homem somente em certos momentos. A mulher é mulher a vida inteira... Tudo lhe faz lembrar seu sexo.” (apud LAQUEUR, 2001 p. 247), depois adverte “um deve ser ativo e forte, e o outro passivo e fraco”(apud LAQUEUR, 2001p. 247). Já no Contrato Social¹⁰, Rousseau é claro ao falar sobre educação: a igualdade é para todos, porém a diferença é existente “uma vez que é demonstrado que o homem e a mulher não são e não devem ser constituídos da mesma forma, seja em caráter ou em temperamento, eles não devem ter a mesma educação”(apud LAQUEUR,2001 p. 247).

Para Ellis, autora de *The Wives of England*¹¹ – importante obra da ideologia doméstica – a relevância da divisão dos sexos fundamentava-se na sensibilidade feminina de poder sentir mais que os homens, pois estas “exerce (m) um enorme poder potencial na sua própria esfera [privada]” (apud LAQUEUR, 2001 p. 251). Ellis parte de argumentos da esfera privada, mostrando a mulher como mãe, esposa e sensível para legitimar estes cuidados “femininos”

9 Emílio escrito por Jacques Rousseau em 1762

10 Contrato Social escrito por Jacques Rousseau em 1762

11 Escrito em 1843

também na esfera pública. Como avalia Laqueur “fortemente articulada e baseia-se na diferença *sexual*” (LAQUEUR, 2001p. 251) e finaliza:

[as mulheres] em suma, são criaturas menos assoladas pela paixão, uma tendência egoísta e destrutiva, e mais dotadas de sentimento de fraternidade e uma espécie de tranquilidade corporal exigida para ser o centro radiante de uma nova moralidade. A falta de paixão origina-se, portanto, de um momento político específico e de uma estratégia para demarcar uma área pública de ação, com base em virtudes da esfera privada feminina. (apud LAQUEUR 2001 p. 252)

Observamos, então, que a produção das teorias sociais - que são herança para nossa concepção de pensamento atual – relacionam a essência da “natureza” dos corpos com o seu desejado comportamento social como sujeitos políticos. Validando-se em argumentos de inferioridade sobre o corpo feminino, oriundos dos discursos médicos e biologizantes:

A biologia de incomensurabilidade sexual ofereceu a esses teóricos uma forma de explicar – sem se reportar as hierárquicas do modelo de sexo único – que no estado natural e anterior à existência das relações sociais as mulheres já eram subordinadas ao homem. (LAQUEUR, 2001 p. 244)

Laqueur, em seu livro *A Invenção do Sexo: dos Gregos a Freud*, nos mostra um panorama geral de como a divisão sexual foi acontecendo no decorrer dos séculos citados, na Europa ocidental. Baseado no saber médico, na biologia e nos poderes institucionais das teorias sociais, este modelo de corpo – masculino e feminino – passou de uma visibilidade do gênero para a uma concretude do sexo, estabilizando-se ainda hoje como hegemônico e “natural”. Penetrando no subjetivo dos agentes históricos, moldando corpos e pensamentos.

Aqui friso a importância desses estudos médicos para o entendimento do corpo e dos aspectos biológicos da nossa existência, mas também creio que seja de tamanha relevância localizá-los dentro de um sistema de pensamento já estabelecido, onde a ciência é um saber poderoso e criador das nossas convicções e verdades. Ou seja, não nego o saber científico, porém é de extremo interesse historicizá-los, em tempo e espaço, para que estas verdades não sejam normas inquestionáveis.

De forma breve, apresento a historiadora e bióloga, Anne Fausto- Sterling que estuda como acontece o procedimento de divisão dos sexos com pessoas intersex, onde muitas vezes o que define o sexo do bebê não é o órgão sexual exteriorizado, mas sim uma série de fatores como: cromossomos, órgãos reprodutores, hormônios. Estes novos procedimentos da medicina, reforçam de formas mais “profundas”, a continua divisão dos sexos. Como Fausto- Sterling nos relata no primeiro capítulo do livro *Cuerpos Sexuados*¹², a “escolha” médica sobre o corpo de uma criança intersex tem bases reprodutivas, ou seja, o quanto esse indivíduo pode contribuir para uma sociedade através dos seus atributos biológicos de reprodução:

Eles [médicos] cuidam em primeiro lugar das capacidades reprodutivas (no caso de uma menina em potencial) ou do tamanho do pênis (no caso de um menino). Se uma criança nasce com dois cromossomos X, ovários, um útero na parte de dentro, mas com um pênis e uma bolsa escrotal na parte de fora, por exemplo, é um menino ou uma menina? A maioria dos médicos dirá que é uma menina, a despeito do pênis, por causa do seu potencial para dar à luz, e intervém usando cirurgia e hormônios para confirmar sua decisão.
(FASUTO-STERLING, 2006 p. 19)

A autora também compartilha da visão de Laqueur, sobre o poder do discurso científico na subjetividade dos sujeitos, e incluso que a “escolha” desses médicos no procedimento é produto de valores e crenças que já temos sobre o sexo, e que elas são, quase sempre, muito imprecisas:

Eles (intersex) não cabem naturalmente em classificações binárias; só o instrumento cirúrgico pode fazê-los caber (...) (FASUTO-STERLING, 2006 p. 27)

e ainda:

nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre a diferença sexual. Quanto mais procuramos uma base física simples para o “sexo” mais claro fica que o “sexo” não é uma categoria física pura (FASUTO-STERLING, 2006 p. 27)

12 FASUTO-STERLING, Anne. *Cuerpos sexuados. La política de género y la construcción de la sexualidad*. Traducción de Ambrosio García Leal Editorial Melusina. Barcelona, 2006

Fausto-Sterling tem como objetivo principal do seu livro analisar como as práticas cirúrgicas são resultado de atravessamentos culturalmente definidos e produto de verdades colocadas como “naturais” na sociedade:

mostrar como essas afirmações mutuamente dependentes operam, em parte, enfrentando questões como a da criação, pelos cientistas – em suas vidas cotidianas, experimentos e práticas médicas – de verdades sobre a sexualidade; como nossos corpos incorporam e confirmam essas verdades; e como essas verdades esculpidas pelo meio social em que os biólogos praticam seu ofício, por sua vez, dão forma ao nosso ambiente cultural. (FASUTO-STERLING, 2006 p.27)

Nessa perspectiva a autora põem em cheque a ciência; como é escrita e produzida pelos sujeitos que a legitima – incluso as ciências humanas, referindo a história como produtora de corpos universais¹³. As ciências, por muito tempo, apagaram da escrita categorias como gênero, raça, classe e outros. Fausto- Sterling apresenta, a partir dessa análise, as autoras feministas que repensam a escrita das ciências, como Butler e Scott, onde foca-se:

para mudar a política do corpo, precisamos mudar a própria política da ciência. As feministas (e outras) que estudam o modo como os cientistas criam o conhecimento empírico já começaram a reconstruir a própria natureza do processo científico. (FASUTO-STERLING, 2006 p. 45)

Este repensar dá espaço à emergência de agentes históricos, desestabilizando a velha neutralidade do sujeito universal. Como aponta Laqueur quando analisa discursos da teoria política rousseauiana, onde o sujeito universal “o homem” passa a representar a humanidade, pretendendo-se neutro, excluiu linguisticamente os outros derivados gramaticais não-masculinos.

Através das leituras realizadas de Laqueur e Fausto-Sterling, entendemos que o processo de designação dos sexos é historicamente construído a partir da medicina, das teorias

13 assim como esses exemplos da sociologia contemporânea mostram que as categorias utilizadas para definir, medir e analisar o comportamento sexual humano mudam com o tempo, a recente explosão dos estudos sobre a história social da sexualidade humana também mostram que a organização e expressão social dessa sexualidade não são atemporais nem universais (FASUTO-STERLING, 2006, p 47)

políticas e da biologia, onde o “natural” começa a consolidar-se como determinado e antecessor a construção humana. No final do século XVIII e início do XIX, o sexo passa de único para dois incomensuráveis e diferentes estendendo o binarismo do mundo científico para os corpos, travando comportamentos socialmente esperados por meio de características anatomicamente demarcadas para o ser homem e o ser mulher. Atualmente estas categorias ainda existem como normas axiomáticas, e nas salas de cirurgias continuamos o procedimento de recitação dessa norma a cada pessoa intersex que nasce e precisa ser definida.

Os dois sexos, passam de naturais a “artificialmente” construídos pelas mãos da ciência médica, como uma faca de dois gumes, a produção da norma se faz no ato de se estar na norma. Entendendo que os sujeitos que exercem o saber médico são indivíduos produzidos dentro do sistema heterocisnormativo de divisão dos sexos, resultando que seus valores e morais sobre sexualidade interfiram – de forma intrínseca – sobre suas práticas profissionalizantes, reestabelecendo a norma a cada cirurgia.

O corpo apresentado nos discursos construtivistas perpassa tempos e espaços de uma forma a-história e universal, proporcionando assim a construção de uma problemática de cunho conceitual e linguístico. Por exemplo, um grupo de historiadores e arqueólogos que estudam a pré-história recriam o passado de uma dita comunidade, estabelecendo os sujeitos daquele espaço/tempo como homens e mulheres, os atribuindo funções e atividades supostamente demarcadas por seu sexo – como homens caçam e mulheres cuidam dos filhos e produzem cestas e cerâmicas.

Estas associações de reconstrução de espaços e tempos são a base da disciplina, pois os historiadores criam sociedades passadas através do filtro do presente, porém não seria empobrecer nossa disciplina colocar as categorias sexuais como pré-discursivas, ou seja, evidenciando que homens e mulheres sempre existiram? Sendo assim, referindo-nos ao passado usando “homens” e “mulheres” não estaríamos essencializando os corpos dentro dessas categorias - que tem uma história e um tempo de invenção? Ao não localizar essas categorias dentro do momento da sua construção médica e jurídica como entendemos hoje,

estaríamos anacronizando o passado e pré-estabelecendo um futuro aos corpos? Como, através da ciência e da escrita das ciências humanas, repensamos a categoria de corpo para não cair na areia movediça das essencializações? De que forma as normas hegemônicas sobre o sexo reconstroem um corpo do passado? Que saberes e poderes retificam o corpo sexual como natural? Como essa norma é construída através do discurso histórico? Judith Butler e Joan Scott, dentro de uma perspectiva pós-estruturalista e feministas, irão debruçar-se sobre esses questionamentos e analisar a escrita como ferramenta de recitação de normas, produtora de corpos e arma em potencial para repensá-los.

2.3 - O REPENSAR DO CORPO

Judith Butler e Joan Scott são expoentes ao falar de gênero e sexualidade no meio acadêmico. Ambas partem de uma perspectiva crítica as teorias construtivistas, pois estas não problematizam aspectos linguísticos da divisão cultura/natureza. Para as teóricas aqui citadas, esta divisão faz parte de uma norma que opera dentro das leis regulatórias instituídas – como saber médicos, jurídico, acadêmico – e reforça a ideia de um “natural”, algo que preexiste a ação, deixando assim tudo que pode ser explicável e compreendido através da ciência como “construído” e o que não pode ser questionado e nem deslocado como “natureza”.

Ao colocar essa perspectiva crítica para a escrita da filosofia e da história, as autoras traçam um novo olhar epistemológico, abrindo caminho para se pensar o corpo e outras categorias de uma nova forma, colocando-as como produto de uma história e não como naturalmente existentes. Localizando os sujeitos dentro de temporalidade e espaço específicos, imbuídos de marcadores como raça, classe, gênero, inseridos dentro de multiidentidades.

Scott, no artigo publicado *A Invisibilidade da Experiência*¹⁴, faz uma crítica a escrita da história por tratar a experiência como categoria essencializadora. Ela parte de pressupostos identitários - como homossexualidade, heterossexualidade, sexo, feminilidade, masculinidade – para afirmar que estas categorias não devem ser usadas de forma “inconsequente” pela história, pois estes marcadores sociais tem uma construção histórica e temporal no mundo e não devemos essencializá-los pressupondo uma natureza fixadora:

a história é uma cronologia que torna as experiências visíveis, mas na qual as categorias aparecem, entretanto, como a-históricas: desejo, homossexualidade, heterossexualidade, feminilidade, masculinidade, sexo, e mesmo práticas sexuais tornam-se de tal modo entidades fixas, vivenciadas através do tempo, mas que não são em si próprias historicizadas. (SCOTT, 1998 p. 7)

Partindo desta crítica, Scott analisa a obra de E.P. Thompson *Making of The English Working Class* – em português *A Formação da Classe Operária Inglesa* - na qual, para a autora, Thompson acaba por essencializar a identidade de classe, a colocando como evidente no processo de experiência da classe operária inglesa. Scott coloca:

(...) como resultado, a brilhante história de Thompson sobre a classe trabalhadora inglesa, que foi lançada para historicizar a categoria de classe, termina essencializando-a. (SCOTT, 1998 p. 15)

Ao colocar a categoria de classe como a única evidente na construção da identidade do operariado inglês, Thompson esquece dos outros marcadores sociais, como por exemplo, religião, etnia, gênero, e até mesmo recortes específicos mas de extrema importância, como a função que alguns trabalhadores e trabalhadoras ocupavam nas fabricas, ou seja, a hierárquica dos cargos também diferencia a escala de experiência dos sujeitos.

A crítica de Scott a Thompson demonstrou uma parte do essencialismo ao escrevermos a história, quando damos por pressuposto conceitos inquestionáveis. Scott também nos lembra que a importância dada a determinadas categorias e a intensidade de

14 SCOTT, Joan. *Invisibilidade da Experiência*. IN: Proj. História, São Paulo (16), fev. 1998

nossas análises a elas, são de cunho extremamente político e recorta “o quê e como” o historiador deseja falar:

(...) também não pode garantir a neutralidade do historiador, pois decidir quais categorias se deve historicizar é inevitavelmente político, está necessariamente ligado ao reconhecimento do lugar do historiador na produção do conhecimento (SCOTT, 1998 p. 29)

E sugere para que tenhamos uma melhor análise localizada dos nossos procedimentos de reconstrução do passado e de memórias, a escrita de uma história que proponha-se problematizadora, emergindo dentro da disciplina a cultura da não naturalização de identidades e categorias:

Para atingir esse objetivo uma mudança de objeto parece necessária, uma mudança que tome o surgimento de conceitos e identidades como acontecimentos históricos em busca de explicação.(...) Significa presumir que o surgimento de uma nova identidade não é inevitável ou determinado, não é algo que sempre existiu aguardando para ser expresso, não é algo que sempre existirá na forma que foi dada e um determinado movimento político ou em um momento histórico específico.(SCOTT, 1998 p.23)

E acrescenta a importância do discurso na formação dos sujeitos e agentes históricos. Pois afirma que ao escrevermos e legitimarmos verdades sobre o corpo, de uma forma fluida e não naturalizada e essencializadora, estaríamos produzindo aberturas para a existência de outros corpos emergirem no presente, não permitindo a hegemonia de categorias estanques como homem e mulher, por exemplo:

tratar a emergência de uma nova identidade como um acontecimento discursivo não é introduzir uma nova forma de determinismo linguístico, nem é privar sujeitos de serem agentes. É recusar uma separação entre “experiência” e linguagem e insistir na qualidade produtiva do discurso. Sujeito são construídos discursivamente, mas há conflitos entre sistemas discursivos, contradições dentro de cada um deles, significados múltiplos possíveis para os conceitos que eles utilizam.(SCOTT, 1998, p. 28- 29)

A problematização de Scott em relação ao uso da categoria de experiência vai ao encontro com a proposta sobre se pensar o corpo nesses mesmos moldes discursivos, que

acabam transpassando o papel e materializando sujeitos do passado, presente e até do futuro. Frisando que a necessidade de se repensar é um compromisso político.

Butler, no seu livro *Bodies That Matter*¹⁵ problematiza a divisão que se faz entre gênero e sexo, focando na importância material que contem essas divisões para os corpos. Em um artigo nomeado “*Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*”¹⁶ – que será aqui trabalhado – Butler frisa a importância da materialidade dos corpos para os agentes políticos sociais, porém não deixa de analisar essa materialidade como resultado de produções e recitações da norma regulatória do sexo.

Para a autora não há diferenças – no campo filosófico – entre sexo e gênero. Gênero seria o que é socialmente construído sobre o corpo de alguém e sexo é um dado natural, algo que não se escolhe. Para Butler, essas duas categorias estão no mesmo campo filosófico e discursivo de construção, e são normas regularmente reafirmadas através de discursos, leis e poderes normalizadores:

se o gênero é a construção social do sexo e se não existe nenhum acesso a esse “sexo” exceto por meio de sua construção, então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo gênero, mas que o “sexo” torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em um local pré-linguístico ao qual não existe nenhum acesso direto.(BUTLER, 2000 p. 114)

Porém o que importa para Butler é analisar o sexo a partir da afirmação de que este marcador é a materialização de uma norma que controla e governa a partir do corpo:

o que está em jogo nessa reformulação da materialidade dos corpos é o seguinte: (...) a construção do sexo não mais como um dado corporal sobre o qual a construção do gênero é artificialmente imposta,mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos. (BUTLER, 2000 p. 112)

15 Butler, J. *Bodies that matter*. NY: Routledge, 1993.

16 BUTLER, Judith. “*Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*”. IN:LOURO, Guacira-Lopes. *O Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade*, Autêntica, 2000. (pp. 110- 127)

Norma esta que visibiliza o sujeito dá vida ao ser. Butler frisa, que a norma do sexo parte da premissa heterossexual, na qual os sujeitos que não materializarem-se dentro desta axiomatização em uma escala de dissidência vão perdendo legitimidade de sujeitos, até virarem abjetos. Por exemplo, um homem cisgênero¹⁷ homossexual quebra a norma quando assume uma sexualidade dissidente, porém continua dentro da mesma norma ao designar-se homem cisgênero, não transformando-se em um abjeto caso negasse seu sexo:

a materialização de um dado sexo diz respeito, centramente, à regulação de práticas identificatorias, de forma que a identificação com a abjeção do sexo será persistentemente negada. (BUTLER, 2000 p. 112)

e complementa:

O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. (BUTLER, 2000 p. 111)

Para Butler a norma estabelece a existência de indivíduos marcando seus corpos dentre homens e mulheres desde antes do nascimento do mesmo. A norma é recitada performaticamente¹⁸ a todo momento, como por exemplo, quando um certo alguém designado mulher e descobre-se heterossexual, este alguém mulher-heterossexual vai reafirmar essa norma todos os dias, em todos os espaços que frequentar, fazendo-se visível a norma e ao controle dos corpos. Butler nos dá o exemplo de como a norma do sexo traça o controle desde a primeira vez que uma mãe descobre-se grávida:

(...) de um ser “neutro” em um “ele ou em uma “ela”: nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse torna-se garota da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar

17 Uma pessoa que permanece identificando-se politicamente com o sexo e gênero que foi designado ao nascer.

18 Performatividade de gênero seria quando os corpos exercem uma determinada performance masculina ou feminina. No caso da reapropriação política do termo, como sugere Butler, outras performatividades além da masculina e feminina também entram em cena. BUTLER, Judith. 2003. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ou contestar esse efeito neutralizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma”. (BUTLER, 2000 p. 116)

Dentro desta norma, reafirmada por poderes e saberes com autoridade e legitimidade, emergem agentes sociais produtos destas reiterações e também produtos da dissidência desta norma, como os “abjetos”. Butler, coloca o poder da linguagem e do discurso como produtores e possíveis transformadores de normas regulatórias – aqui no caso do sexo e da materialidade dos corpos.

Para a autora afastar-se da ideia de construção é a premissa para uma possível mudança epistemológica e conceitual, pois afastando-nos da ideia de construção, afastaremos também do seu oposto: o natural. A outra então sugere que trabalhemos que a ideia de materialização, conceito que aproxima presença de uma norma constante sobre construir-se “algo” ou “alguém”, e descentra a ideia estável do sexo como um dado inquestionável, pois pela materialização, o que importa é a emergência desta norma (sexo) como fixa e de que formas ela fixa-se. Abre espaço para colocar nessa arena de conflito a existência do agenciamento dos sujeitos sobre seus corpos em cada momento que a norma é quebrada.

o que eu proporia no lugar dessas concepções de construção é um retorno à noção de matéria(...) como um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície(...) O fato é que a matéria é sempre materializada(...) em relação aos efeitos produtivos e, na verdade, materializadores do poder regulatório, no sentido foucaultiano. Assim, a questão não é mais “como o gênero e construído como – e através de – uma certa interpretação do sexo”(…) mas, ao invés disso, “através de que normas regulatórias é o próprio sexo materializado?” e por que é que tratar a materialidade do sexo como um dado pressupõe e consolida as condições normativas de sua própria emergência? (BUTLER, 2000 p. 118)

Butler e Scott, ao questionarem o estabelecimento de normas inquestionáveis dentro da escrita, afirmam que estas mesmas normas continuarão normalizando se não foram frequentemente questionadas. Dentro da escrita das ciências humanas, como Laqueur analisou com as teorias sócio-políticas, reafirma-se a norma regulatória do sexo a cada vez que os sujeitos históricos que analisamos e estudamos não são localizados temporal e espacialmente

dentro de suas especificidades e materialidades, inserindo marcadores imprescindíveis como os de raça, etnia, classe, território, gênero e sexo, mas não como simples enfeites nos nossos longuíssimos escritos, mas como holofotes políticos de novas construções de corporalidade existentes.

Ao percebermos a importância da construção dos corpos como categorias recentemente inventadas na história do Ocidente, e o quanto a produção discursiva reafirma e cria sujeitos a partir de normas constantemente recitadas. Sendo assim faz-se válido o contínuo questionamento sobre o essencialismo dos corpos e o anacronismo que faz surgir o uso das categorias homem e mulher para a abrangência histórica desde os pré-históricos até a modernidade.

Mas pergunto-me, como escapar dos anacronismos e dos essencialismos ao usarmos essas categorias? Como realizar a quebra epistemológica do corpo como produto de normas e discursos? A pós-modernidade ainda almeja corpos identificados como homens e mulheres em um mundo onde o gênero e as possibilidades de corpos são águas fluidas e o sujeito já se misturou com a máquina? Como escrever uma história onde o corpo precisa ser constantemente localizado e demarcado com a emergência de muitos atravessamentos identitários? Será que o corpo pós-sujeito é representativo dentro da escrita da história? De que formas o corpo pode reinventar verdades sobre ele mesmo?

Estes questionamentos levaram-me a estudar uma nova perspectiva dos corpos, a brecha para uma análise discursiva e materializada: o corpo pós-pornográfico e a potência do corpo pornoterrorista. Estas novas rupturas partem de discussões teóricas *queer* e transfeministas, onde o corpo é o centro potencializador de repensar os comportamentos normalizadores, categorias, identidades pré-estabelecidas, propiciando – por meio de práticas sexuais não-heterossexuais – a desterritorialização dos conceitos de natureza, sexo, gênero, sexualidade, heterossexualidade, feminilidade, masculinidade, mulher e homem como verdades inquestionáveis; e a emergência de sujeitos abjetos conscientes do seu corpo como arma política dissidente.

3 - “GOZO COMO ARMA POLÍTICA” – A BIOPOLÍTICA DO SEXO

H¹⁹: - O desejo não é um código "natural", ele faz parte da fabricação de ficções do mundo contemporâneo. Assim como o desejo, o cigarro... meu corpo também é ficção, é invenção. Então quer dizer que posso produzi-lo de jeitos novos? Sim, anarquistas somos ao subverter e roubar os códigos de imposição de desejo e transformá-los em: desejos estrategicamente políticos.

Este capítulo tem o intuito de explorar os conceitos de pós-pornô e pornoterrorismo como prática e discurso do corpo político, maquinizado, potente e desconstrutor de pré-definições. A abordagem teórica usada para a análise do corpo pós-pornográfico emerge das discussões *queer* e transfeministas apresentadas aqui nos escritos de Donna Haraway sobre o sujeito *cyborg* e Paul.B Preciado no *Manifesto Contrassexual*. Estas obras são produto e produtoras dos movimentos pornô-ativistas, e fundamentais para entendermos como estas práticas atravessam e constroem novos sujeitos conscientes da performatividade e materialidade dos seus corpos dentro de uma sociedade hegemonicamente heteronormativa. Para desenrolar essas discussões sobre as práticas pós-pornô utilizaremos como pano de fundo o conceito de Dispositivo da Sexualidade, formulado por Michel Foucault na obra *História da Sexualidade- A vontade de saber*²⁰. Este conceito possibilita o entendimento micro e macro político empregado aos corpos sexualizados dentro de um sistema de governabilidade, visibilizando como o poder-saber determina certas verdades axiomáticas sobre os sujeitos. O pós-porno e o pornoterrorismo reutilizam o dispositivo da sexualidade capturando seus códigos e verdades, subvertendo-os e desterritorializando-os, como no caso da pornografia. Para entendermos esta relação do dispositivo com a reapropriação do mesmo por esses movimentos, analisaremos os conceitos trabalhados por Paul. B Preciado de tecnologia e farmacopornografia, que dão visibilidade à reviravolta epistemológica da ótica do corpo na contemporaneidade.

19 Inicial de Hariagi

20 Foucault, M. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

3.1 - PÓS-PORNOGRAFIA E PORNOTERRORISMO

Início esta abordagem frisando que a categoria de pós-pornografia é multiplural e indefinida, porém para que haja uma análise possível dentro da proposta acadêmica deste texto *exibo* o pós-pornô como um convite, uma proposição, apocalipse de subversão orgástica, incitação à fabricação e reciclagem de corpos/desejos e imaginários sexopolíticos. A pós-pornografia insere-se como movimento heterogêneo onde florescem criações de todos os âmbitos, tanto obras literárias (livros, zines, revistas, blogs, etc); performances artísticas (corpos travestidos, performatividade ativista queer, pornoterrorismo, BDSM (práticas sexuais relacionadas a Bondage, Dominação, Sadismo e Masoquismo), ações na rua, etc) e audiovisuais (sites, curtas, filmes cyborg, filmes para mulheres, pornô-queer, jogos online, etc):

a pluralidade das formas de ação de pós-pornô evidencia que não estamos diante de um movimento unificado ou de um gênero com códigos estabelecidos; não há definição de uma estética pós-pornográfica nem de suas textualidades, de forma que artistas e ativistas pós-pornôs estão cada vez mais presentes no audiovisual, na performance, na literatura, nas artes visuais e nas ruas. (SARMET, 2014 p. 10)²¹

O propósito do pós-pornô, como devir²² experimentador, é o de reapropriar os códigos audiovisuais e subverter a ação dos corpos apresentados na pornografia comercial. Retirar do centro da produção cinematográfica o homem heterossexual, tanto como praticante do sexo *filmado*, ou como detentor dos meios de filmagem²³. A câmera que captura a cena é

21 SARMET, Érica. *PÓS-PORNÔ, DISSIDENCIA SEXUAL E A SITUACIÓN CUIR LATINO-AMERICANA: PONTOS DE PARTIDA PARA O DEBATE*. IN: Revista de Estudos Indisciplinares em Gênero e Sexualidade. V,1. N,1 2014.

22 DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs 4*. São Paulo: Editora 34, 1997

23 La cuestión decisiva, por tanto, no es si una imagen es una representación verdadera o falsa de una determinada sexualidad (femenina, masculina u otra) sino quién tiene acceso a la sala de montaje colectiva en la que se producen las ficciones de la sexualidad. Lo que una imagen nos muestra no es la verdad (o falsedad) de lo representado sino el conjunto de convenciones visuales y políticas de la sociedad que la mira. Aquí la pregunta por el quién no apunta al sujeto individual sino a la construcción política de la mirada. La pregunta no es si es posible un porno femenino, sino ¿cómo modificar jerarquías visuales que nos han constituido como sujetos? ¿Cómo desplazar los códigos visuales que históricamente han servido para designar lo normal o lo abyecto? (PRECIADO, P.B – Activismo posporno, 2010).

retirada das mãos homem-cisgênero-branco-heterossexual, visando assim à possibilidade de uma produção audiovisual com fins não lucrativos, abrindo brecha para reflexões teórico-políticas sobre *como e quais* corpos são *desejantes* e *desejados* dentro do sistema heterocisnormativo capitalista.

A pós-pornografia ganha espaço na década de 1980 nos Estados Unidos quando a atriz pornô, Annie Skprinkler, inicia a produção de uma performance teatral - “*Post-porn Modernist Show*” em 1989 - onde narra a história do seu corpo, “conta sobre sua carreira como atriz pornô, como prostituta, como stripper, como dominatrix e, por fim, como produtora, roteirista e diretora de seus próprios filmes” (ABREU-NOGUEIRA)²⁴. Com Annie a autonomia do corpo da atriz pornô ganha voz nos roteiros e na direção dos filmes pós-pornográficos, onde sua frase ficou conhecida “se não te agrada o pornô que existe, crie seu próprio pornô”²⁵. Ao problematizar a inexistência do tesão feminino dentro dos pornôs comerciais essencialmente masculinos, visibiliza-se a muitas mulheres, homossexuais, lésbicas, transgêneros que utilizavam do mesmo mecanismo audiovisual para reivindicar seus corpos como parte desejada da sociedade. Annie, junto com sua companheira Elisabeth Stephens – também diretora e roteirista – produziram muitos filmes com temáticas diversas sobre pós-porno e pornografia feminista.

A pós-pornografia tem por base o desvio, o boicote, a expropriação e recriação de corpos, desejos e práticas sexuais e afastar da sexualidade ações heteronormativas. Ingerir pequenas doses virais de potencialidade para transformar o imaginário sexual. O processo pós-pornô é contínuo, localizado e aberto. Pode ser entendido como um código de apropriação que sempre está livre para o acesso de corpos que queriam subverter a ordem, corpos considerados indignos, de desejos considerados pobres. Corpos que entendem-se como experimento e não como resultado. O pós-pornô é o chamado da matilha de lobxs selvagens

24 ABREU-NOGUEIRA, Juslaine. PÓS-PORNOGRAFIA E A PRODUÇÃO DISCURSIVA DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES - UM ESTUDO SOBRE A HETERONORMATIVIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO. 6 ° SBECE.

25 GRIMM, Éris. Abrindo os códigos do tesão: feitiços de resistência entre o transfeminismo e a pós-pornografia – UFSC, 2015.

que negam a domesticidade da fêmea²⁶; das putas marginalizadas que tem plena noção do *valor* da sua máquina corporal²⁷; dxs infectados, anormais, doentes, tortos que foram – desde seu nascimento – diagnosticados como “abjetos” sem cura, que potencializam seus “defeitos” destruindo os códigos fechados da sexualidade normativa; da manada *queer* e transfeminista em fúria de lésbicas, mulheres, bichas, translésbichas, viadas, machorras, homens sem pinto, mulheres sem útero, assexuados, pansexuais, sapatonas, não-binários, gordxs, negrxs²⁸ e todes aqueles que *são* demônios em terra de Deus. Abram-se os portões do inferno: a cada hormônio ingerido, um código que se rompe.

As práticas pós-pornográficas vão além da sala de filmagem, possibilitam – como havíamos dito antes – multi formas de sentir e fazer pós-pornô. O pronoterrorismo faz parte desse compilado de códigos que desafiam a sexualidade heteronormativa, porém de uma forma mais exposta que as outras ramificações do pós-pornô, este *fazer-se* encontra-se na rua do corpo. O pornoterrorismo surge na Espanha- mais especificamente em Barcelona nos anos 90 - em uma cena anarcopunk e transfeminista²⁹. Germinando de movimentos transgêneros e sem rótulos, o desafio era permanecer existindo e denunciar as únicas formas de existência dos sujeitos (homem e mulher) no maior palco possível: a rua.

Aqui a pós-pornografia floresce como campo de batalha da sexualidade. As motivações pornoterroristas de cunho libertário anarquista geralmente são trabalhadas com o ideal do choque, do atentado, do terrorismo, da infecção. Perguntar-se *o quê me aterroriza? o que me causa horror?* As respostas são as próprias ações nas ruas, onde o corpo visto como frágil (no caso dxs trans, da mulher, do homossexual, da lésbica) desloca o esperado e encontra-se forte, monstruoso e fluido. Mostrando que violento não é um corpo nu e

26 Ludittas Sexxxuales . Ética amatória del deseo libertario y las afectaciones libres y alegres – 1ª ed. mirela caserola, COLECCION (IM)PENSADOS, 2012.

27 DESPENTES, Virginie. Teoría King Kong. 1ª edición, 2007.

28 Reapropriação de xingamentos, palavras destinados a ofender e reutilizados simbolicamente como categorias estrategicamente políticas de identificação.

29 Tansfeminismo é um movimento singular da Espanha (agora todos países latinos também) que defendem a luta das mulheres, dos transsexuais, das prostitutas, dos descapitados. Relaciona-se com a teoria queer e com movimentos sociais políticos.

sangrando em via pública, mas sim a imposição machista e heteronormativa da sociedade. Expondo o corpo não-natural, a máquina de guerra artificial disposta a autotransmutação da sua base de dados:

Trata-se de subjetivar-nos enquanto corpos sexuais, tomando a sexualidade não simplesmente como uma “pulsão instintiva”, mas como um campo de batalha, uma zona de guerra dentro da qual nossos afetos e prazeres misturam-se a processos de vigilância e violência (GRIMM, 2015 p. 147)

Ao praticar as ações na rua, os pornoterroristas, inserem ao debate da pós-pornografia e a quebra da dicotomia público e privado; os usos do BDSM e a visibilidade impositiva dos corpos-granadas. Corpos que estão dispostos a denunciarem a brutalidade das práticas sexuais e da sexualidade dominante em via pública. As práticas pornoterroristas também são um convite, ou seja, qualquer um pode ser pornoterrorista basta ir para destruir e abusar das formas que o corpo pode delatar e deleitar da violência como arma política.

nossas trepadas são armas, são gotas de ácido corrosivo, nossos orifícios lubrificandos e dilatados são barricadas ou armadilhas de areia movediça, nossos pênis de carne ou de plástico são mísseis, nossos dedos são balas, nossas línguas metralhadoras, nossos seios são granadas de mão, toda a extensão de nossa pele é um campo minado”. (Torres, 2011, p. 147)

A utilização de diversos instrumentos e acessórios faz parte das ações e práticas sexuais pós-pornográficas, como por exemplo, próteses, penetração com dildos, penetração com vegetais, jogos sadomasoquistas, masturbação pública, cortes e sangramentos corporal em público.

fisting (inserir as mãos na vagina ou no reto), feering (inserir os pés na vagina ou no reto), BDSM (Bondage – ataduras, dominação, sadismo e masoquismo), public disgrace (humilhação sexual em público), wired pussy (corpos e órgãos sexuais conectados a cabos de eletricidade), fucking machines (sexo entre humano e máquinas), waterbondage (imobilizar com afogamento), sexo entre velhos, sexo com plantas, com cadáveres de animais, etc (Borges, 2011 p. 3)

Além de repensar o corpo como instrumento político, o pós-pornô também questiona os espaços destinados ao sexo e a sexualidade. A arquitetura é uma das tecnologias produtora de corpos³⁰. Quando dizemos “vamos para cama” estamos recortando o espaço propício ao

30 PRECIADO, P.B. *Pornotopía. Arquitectura e sexualidad em la Playboy durante la Guerra Fría*. Editorial Anagrama, Barcelona, 2010.

sexo – entre quatro paredes na harmonia controlada do lar. Para esta problematização da arquitetura também podemos inserir todos os espaços políticos (privados ou públicos) que o nosso corpo circula e é circulado: escolas, hospitais, motéis, praças, parques, banheiros, museus, etc – ou seja – instituições e locais de poder, de controle, de materialização de corpos. Por esta razão as práticas pornoterroristas geralmente acontecem nas ruas, shoppings, espaços de lazer públicos. Onde corpos nus chocam mais que a fome dos moradores de rua.

Ao falarmos de *situacionalidade*³¹, estamos falando de recortes temporais, sociais, espaciais em contextos diferentes com corpos diferentes. A localização de cada corpo em suas vivências é o que solidifica a pós-pornografia como contestação social da sexualidade. Esclareço a existência situada de reivindicações e marcadores distintos em cada espaço onde floresce as práticas de insurgência pornográfica. Apresento aqui, e no próximo capítulo, a pós-pornografia e o pornoterrorismo na Espanha, especificamente em Barcelona. Neste caso as denúncias sobre o corpo, por exemplo, não pautam a problematização do racismo, ou a luta dos corpos não-brancos. No Brasil esta acusação existe como por exemplos nas performances do grupo Coyote³²:

Corpos negros – lidos desde um discurso racista que lhes atribui um lugar selvageria – são tomados como um perigo à ordem pública. Mas também as putas, as travestis, as corpos trans, as bichas, as sapatonas, e todas aquelas que manifestam sua sexualidade transgressoras no espaço público – somos lidas enquanto “agressoras” dos códigos morais (GRIMM,2015 p. 94)

O pós-pornô brota no mundo pelos menos com dois pontos de partida (ramificados em milhões, dependendo de *quem vê e como vê*): reapropriação dos códigos audiovisuais pornográficos para reprogramar corpos potentes e cientes do poder da sexualidade, transformando o desejo em *desejos* estrategicamente políticos distantes da heterocisnormatividade elitista e branca; e a descentralização teórica e ontológica de uma epistemologia dominante, abrindo a brecha conceitual para desterritorializar as práticas e formas de pensar naturalizadas, e transformá-las em códigos e tecnologias de um pensar estratégico, situado e político:

31 HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Caderno Pagu (5), 1995. (pp 07-41)

32 Coletivo Coyote plataforma acessada dia 23/06/2016 às 20:45
<https://monstruosas.milharal.org/tag/coletivo-coiote/>

o pós-porno é um dos nomes que identifica este movimento sexual/social que tenta criar alternativas para o padrão de pornografia vigente. Mas isso não é consenso, tem muitos outros modos de reconhecê-lo, e pode também ser pensado como um movimento ontológico de manifestação da sexualidade. (BORGES, 2011 p. 1)

Exploraremos agora o conceito de: *Dispositivo* foucaultiano – que expõem como os corpos são disciplinados e controlados a partir de relações de poder-saber. Dando continuidade a ideia de dispositivo, Preciado analisa a produção de desejo nas sociedades de controle capitalistas formulando o termo *farmacopornografia*.

3.2 - O DISPOSITIVO E A FARMACOPORNOGRAFIA: a insurgência dos códigos de verdade

O Dispositivo da Sexualidade formulado por Michel Foucault é um conceito complexo, ramificado e multioperatório. Nesta parte iremos inserir brevemente o conceito foucaultiano para, por meio dele, entendermos como o pós-porno reapropria os códigos e discursos que este dispositivo traça como verdadeiros. O pós-porno infiltra-se nas rachaduras institucionais e produz novos saberes sobre o sexo e a sexualidade.³³

Foucault, na História da Sexualidade, trabalha com a transição do século XVII para os séculos XVIII e XIX, entendido pelo autor como a Era Vitoriana. O autor analisa a ascensão da burguesia capitalista e higienista ao poder e os meios discursivos e institucionais que passam a sustentá-la, como por exemplo, os saberes médicos, jurídicos, familiares, religiosos, científicos, etc. Essas ramificações do poder hegemônico produzem verdades legitimadoras e, por meio dessas premissas, disciplinam-se e controlam-se os corpos sociais; fábricas, hospitais e escolas são espaços destinados a disciplinarização desses corpos. Apresenta-se aqui um conjunto heterogêneo de produção e controle de corpos, de modos de ser e da população.

Dispositivo é o nome dado a essa série de códigos, discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis e regulamentos médico-científicos. O que é pronunciável e o

33 GRIMM, Éris. Abrindo os códigos do tesão: feitiços de resistência entre o transfeminismo e a pós-pornografia – UFSC, 2015

que é silenciado. O visível e o invisível. Todos esses tijolos constroem o muro do Dispositivo³⁴.

O Dispositivo da Sexualidade é o nome referido a ideia de sexualidade criada pelo saber psiquiátrico no século XIX. Este mecanismo do poder - inicialmente Dispositivo de Aliança³⁵ - passa a controlar os copos que são “normais” e os “anormais” por meio da família e dos poderes institucionais médicos, jurídicos e escolares. O núcleo familiar é o espaço onde o dispositivo da sexualidade nasce e se fortalece... Longe da cama dos pais:

Os pais, os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que no exterior se apoia nos médicos e pedagogos, mais tarde na psiquiatria, e que, no interior, vem duplicar e logo “psicologizar” ou “psiquiatrizar” as relações de aliança (FOUCAULT, 2011. p. 121)

Com a inserção da psiquiatria no século XIX surgem os *desviantes* do dispositivo da sexualidade. Novos personagens, como afirma Foucault, entram em cena para serem diagnosticados por não terem seus corpos controlados:

(...) a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada por obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurastênica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher. São as figuras mistas da aliança desviada e da sexualidade anormal (FOUCAULT, 2011. p 121)

Para entendermos melhor como funciona o dispositivo da sexualidade, é de extrema importância expor a relação de saber-poder que este código exerce. Para Foucault o poder é um ramificado de pressões que acontecem em todos os setores sociais e espaciais. Sua abordagem nunca é central – como se imagina quando falamos em poder – mas capilar e móvel, molda-se constantemente através das relações que o atravessam. Estas relações, de acordo com o autor, são eminentes e intrínsecas a economia, política e cultura - são relações

34 Marcello de Amorin, Fernanda. O conceito de Dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos maternos. Educação e Realidade, 2004.

35 O dispositivo da Aliança, antecessor do Dispositivo da Sexualidade, seria o reculamentador da estrutura família com a legitimidade do matrimônio e a transferência e circulação de riquezas. Foucault adverte que com a ascensão do dispositivo da sexualidade o dispositivo de aliança não desaparece mas perde força.

sociais que circundam todos os níveis espaciais das relações humanas, da macropolítica a micropolítica.

O autor apresenta a noção de poder saber, explicando que o poder ganha força correlacionando-se com o saber – série de conhecimentos – legitimando-se assim por meio de discursos e práticas ditas verdadeiras no meio social. Por exemplo, o poder científico junto com o saber médico e jurídico determinam o “sexo” dos sujeitos quando nascem, e retifica-os pelo resto de suas vidas. Porém as relações de poder tem, essencialmente, o papel de *produtor*: “As relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor”. (FOUCAULT, 2011 p104) A partir dessa premissa, das relações de poder, o autor traça a ideia de correlação de forças com a frase “onde há poder, há resistência”. As resistências, então, devem ser usadas no plural, assim como o poder, e são entendidas como desvios fadados a derrota sempre, para que esta ideia de correlação permaneça. Esta dualidade risomática não deixa subentendida que todo o levante ou desvio será levado à inexistência, mas que, se por um momento, o desvio tornar-se existente já não é mais desvio e outras resistências entrarão em conflito sucessivos com os poderes. A ideia não é a negação das possibilidades do desviante, mas a existência deste dualismo permanente em toda a escala sócio-política.

(...)casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solidárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconhecíveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. (FOUCAULT, 2011 p 106)

O dispositivo da sexualidade nos auxilia a entender o controle da vida por meio dos corpos na Biopolítica, ou seja, a governabilidade do sujeito político moderno. A Biopolítica seria o controle sobre a *vida e morte* da população dentro de um sistema disciplinatório. Existiriam “dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações” (FOUCAULT, 2011 p 151): um de controle do corpo como máquina disciplinada, se caracterizaria por *anátomo-política do corpo humano*. E outro de cunho macropolítico, que seria responsável pela regulamentação do corpo-espécie ligado aos processos biologizantes: *uma bio-política da população*. Este último teria por finalidade a inserção de políticas

populacionais, técnicas econômicas sobre a natalidade, saúde pública, longevidade, habitação e migração³⁶.

O conceito de Dispositivo da Sexualidade e a ideia de Biopolítica da população de Foucault dão sustentação para penetramos no mundo plástico de Paul B. Preciado. Para o autor transgênero, desde a Segunda Guerra Mundial a forma de produção e controle capitalista dos corpos já não se concretiza por meio da disciplina e nem da biopolítica, mas sim pelos códigos *tecnopolíticos* do sistema *farmacopornográfico* – assim, Preciado intensifica o conceito, não o descarta.

A farmacoponografia seria o regime pós-industrial, global e midiático - governado pelos processos de controle biomoleculares (consumo de fármacos) e semiótico-técnico (consumo de imagens pornográficas). A farmacoponografia teria suas raízes na sociedade científica e colonial do século XIX, emergindo e materializando-se nos períodos da Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, nos anos 70. Hoje seria, segundo Preciado, a ferramenta máxima do sistema capitalista “O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade (...)” (PRECIADO, 2008 p36)³⁷. O regime citado tem como fortalecedor a psicologia, a sexologia e endocrinologia, transformando conceitos como o de psiquismo, de libido, de consciência, de feminilidade e masculinidade, heterossexualidade e homossexualidade “em realidades tangíveis, em substâncias químicas, moléculas comercializáveis, corpos, biótipos humanos, em bens de troca de gestão por multinacionais farmacêuticas”. (PRECIADO, 2008. p 32).

O autor acredita que o regime farmacopornográfico regula os corpos de uma forma molecular, pois ,diferente do modelo disciplinar das fábricas e docilização dos corpos, este novo processo de regulação populacional daria-se por *fazer-se ingerir* o controle, ou melhor dizendo: a construção de desejos, corpos, sexualidade, vontades e excitações seria controlada por uma rede sintética e plástica de remédios, hormônios, bulas, comprimidos, imagens,

36 A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo (FOUCAULT, 2011 p 152)

37 Preciado, B. Texto Yonqui. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

propagandas, etc. Para o autor esta seria a nova biopolítica dos corpos, agora chamada tecnopolítica dos tecnocorpos.

Preciado afirma, em seus estudos, que a ideia de natureza não qualifica mais os corpos que surgem na sociedade farmacopornografia, pois o consumo de códigos tecnológicos como a pílula anticoncepcional; o Viagra, o Prozac e outros produtos, construiriam corpos biopoliticamente novos, onde o consumo de estrogênio - encontrado nas pílulas - serviria para produzir e controlar, continuamente, o ser mulher.

o verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, os antibióticos, a estradiol, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína o citrato de sildenafil (Viagra) e todo aquele complexo material-virtual que pode ajudar a produção de estados mentais e psicológicos de excitação, relaxamento e descarga, de onipotência e de total controle. (...) o corpo viciado e sexual, o sexo e todos seus derivados semiótico-technicos são hoje o principal recurso do capitalismo pós-fordista (PRECIADO 2008, p36 -37)

O que nos interessa nas formulações de Preciado é o quanto esses códigos e dispositivos da farmacopornografia contemporânea podem ser reapropriados e desviados por corpos ditos “anormais”. Segundo o autor, o desvio realiza-se dentro da própria lógica do sistema – como adverte Foucault sobre as relações de poder e resistência – onde os códigos de subversão estão livres e abertos, como, por exemplo, no caso de uma pessoa assignada homem ao nascer, mas que com o passar dos anos, não sente-se confortável dentro da categoria. Usando assim, da liberdade de ir à uma farmácia e comprar uma cartela de pílulas anticoncepcionais e aos poucos ir reapropriando códigos de feminilidade que seu corpo não tinha “permissão” de performar. Mas o autor também sinaliza que as moléculas ditas “femininas” como o estrogênio tem mais acesso comercial do que as “masculinas”, como a testosterona. Esta seria uma notável forma de controle do corpo da mulher, regulando-o mensalmente através de um panóptico³⁸ de 28 pílulas. Em última estância, os corpos “femininos” não tem a mesma equidade de acesso hormonal que os “masculinos”.

38 O panóptico foucaultiano é uma metáfora da vigilância. A sociedade disciplinar seria viagiada por um centro que a regula e controla 24h por dia sem ser visto, ou seja, a biopolítica. Esta metáfora é usada no livro Vigiar e Punir para expor o controle dos corpos apenados.

Preciado também cria novas categorias para nos referimos aos sujeitos sociais, a partir da farmacopornofria que se afasta da natureza, os homens e as mulheres teriam uma nova denominação: *Bio-homens* e *bio-mulhers*. O *bio* seria o marcador de que estas categorias são invenções biopolíticas e não “naturais” como pensamos.

Preciado não pensa o corpo fora das extensões globais, cibernéticas e tecnológicas da pós-modernidade. Para ele nossos tecnocorpos fazem parte de uma ramificação de códigos produtores de desejos e vontades. Somos a teia que fabrica nossa própria aranha. A pós-pornografia ao capturar os códigos de produção de verdades corporais como, por exemplo, o uso de testosterona por biomulheres – sem interferência médica – descentra a utilidade de controle que estas substâncias mantêm, fazendo emergir corpos mutantes e com vontades codificadamente políticas.

3.3 - DESTRUINDO A NATUREZA: Tecnologia como arma ontológica

Para compreendemos melhor o pensamento de Paul. B Preciado devemos nos debruçar um pouco sobre o conceito, também formulado pelo autor, de *tecnologia* como potência para descentralizar o protagonismo essencialista da categoria de “natureza”. O autor problematiza o uso do conceito “natureza” para trabalharmos as recentes emergências globais e cibernéticas, e questiona os binarismos produzidos e reproduzidos pelas ideologias essencialistas e construtivistas científicas ao não indagarem a construção histórica do termo e não refletirem sobre sua continua utilização na atualidade; onde o corpo e a máquina formam as mesmas bases ontológicas, inseridos dentro de um novo sujeito: o *cyborg*.

Preciado comunica: “ao invés de pensar a tecnologia como aquilo que modifica uma natureza dada, [*deveríamos pensar*] a tecnologia como produção mesma dessa natureza” (PRECIADO, 2014. p 154). Essa crítica é direcionada as filosofias essencialistas e construtivista do pensar que reduzem o sexo e o corpo como bases dadas, naturais; e o gênero e a sexualidade como a construção social sobre essa natureza.

Tudo ocorre como se o sexo e a diferença sexual (por exemplo, em relação às funções biológicas da reprodução) pudessem ser mais bem compreendidas em um âmbito essencialista, enquanto o gênero, construção social da diferença sexual em diferentes contextos históricos e culturais, ganharia se

fosse apreendido com a ajuda de modelos construtivistas. (...) a posição essencialista e a posição construtivista têm o mesmo fundamento metafísico. Os dois modelos dependem de um pressuposto moderno: a crença segundo a qual o corpo resguarda um grau zero ou uma verdade última, uma matéria biológica (o código genético, os órgãos sexuais, as funções reprodutivas) “dada”. (PRECIADO, 2014, p 157)

Por esta razão, compreender o sexo e o gênero como tecnologias, para Preciado, faria com que esta naturalização - de um em relação ao outro - não existisse, permitindo que os códigos de produção dessas categorias fluíssem de maneira orgânica, possibilitando a emergência - dentro da linguística e da história das ciências humanas - de outros corpos não enraizados neste dualismo moderno.

Preciado – auxiliado por Foucault – afirma que a ideia repressiva da sexualidade faria com que os corpos pré-determinassem uma essência sobre o sexo, essência essa que seria reprimida pelos poderes e instituições. Ao nos afastarmos desta ideia, e aproximarmos da hipótese de Foucault – de que a sexualidade e o sexo são produtos do dispositivo da sexualidade – teríamos a emergência de *tecnologias* sobre o sexo, e não uma “natureza” pré-discursiva dos corpos.

Por essa razão, o sexo e a sexualidade não são os efeitos das proibições repressivas que obstaculizariam o pleno desenvolvimento de nossos desejos mais íntimos, e sim o resultado de um conjunto de tecnologias produtivas (e não simplesmente repressivas). A forma mais potente de controle da sexualidade não é, logo, a proibição de determinadas práticas, mas a produção de diferentes desejos e prazeres que parecem derivar de predisposições naturais (homem/mulher, heterossexul/homossexual etc) (PRECIADO, 2014 p 156)

Para traçar esse deslocamento cibernético e validar a premissa da tecnologia como produtora dos corpos, o autor analisa a introdução das máquinas na história da humanidade. Fazendo um apanhado histórico dos processos onde o corpo vivo é auxiliado por máquinas, e quando as máquinas são auxiliadas pelos corpos. Logo depois localiza seu recorte: “voltarei às duas grandes metáforas tecnológicas da incorporação do século XX: o robô e o ciborgue”. (PRECIADO, 2014 p 158). Primeiramente o orgânico e o mecânico pertenceriam a registros opostos, sendo o primeiro referencial à natureza – aos seres vivos – e o segundo a instrumentos e aparelhos artificiais, assim seria a codificação que diferiria o robô de um humano. Porém Preciado pontua:

o modelo do robô catalisa as contradições e os paradoxos da metafísica moderna: natureza/cultura, divino/humano, humano/animal, alma/corpo, macho/fêmea. Ele está submetido à lei de performatividade paródica e mimética (definida como um processo de repetição regulado). (PRECIADO, 2014 p 160)

O autor enfatiza a importância da prótese para o distanciamento ontológico da máquina para o robô:

o robô é, então, o lugar de transferência de via dupla entre o humano e a máquina: algumas vezes o corpo utiliza o instrumento como uma parte de sua estrutura orgânica (isto é, a prótese), outras vezes a máquina integra o corpo como uma peça de seu mecanismo. (PRECIADO, 2014 p 161)

A prótese seria também o marcador inconfundível do *cyborg*, porém de uma forma mais “penetrável” que a prótese robótica. No mundo hipermoderno, a figura do *cyborg* – além da ficção científica – seria todo o sujeito político que ingere alguma substância química, midiática ou transformadora de corpos, ou seja, os indivíduos pós-modernos que vivem em um regime farmacopornográfico:

O ciborgue não é um computador, e sim um ser vivo conectado a redes visuais e hipertextuais que passam pelo computador, de tal maneira que o corpo conectado se transforma na prótese pensante do sistema de redes. (PRECIADO, 2014 p 167)

O conceito de tecnologia tem poder discursivo quando afasta do corpo a “*impossibilidade de ser*” que estaria marcada pela natureza que determina a “*possibilidade de ser uma coisa*”. Através da tecnologia os códigos de naturalização não existem como ferramentas fixadoras, mas como possibilidades de construção histórica dos corpos. Sendo assim, a subversão e reapropriação desses códigos pelos corpos não categorizados como “naturais” emergem com a mesma legitimidade ontológica.

Estas duas metáforas do corpo - como coloca o autor - realizam a descentralização do conceito de natureza, e possibilitam a entrada da *tecnologia* como processo de produção e reprodução dos corpos sociais e sexuais – através de dispositivos que controlam o discurso sobre o sexo e a sexualidade. Esta nova categoria propiciaria a visibilidade histórica da construção de códigos de naturalização, afastando dos discursos políticos e materializadores da epistemologia categorias fechadas, fixas e a-históricas.

3.4 - EJACULANDO COM PRÓTESES E UMA MÁQUINA – Sujeito Cyborg e as práticas contrassexuais.

Partimos do pressuposto de que as práticas pós-pornográficas e pornoterroristas dialogam com as formulações sobre o sujeito *cyborg* e nas ações contrassexuais - que nasceram do berço pós-estruturalista e das teorias sobre gênero e sexualidade dos anos 1990 e 2000. Donna Haraway e Paul B. Preciado constroem seus escritos na figura de duas metáforas, uma é a do *cyborg* (Haraway), e a outra, da sociedade contrassexual (Preciado). Destas duas metáforas parte a crítica máxima à noção de natureza e à possibilidade teórica de descentrá-la, oportunizando a emergência de corpos textualmente e materialmente desviantes da heterocisnormatividade.

Donna Haraway é bióloga e historiadora da Ciência, fascinada por estudar as relações dos organismos vivos e seus envolvimento com o mundo cibernético contemporâneo. A autora, em 1986, publicou o catártico “Manifesto *Cyborg*”, onde apresenta o mito do sujeito *cyborg*: “é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (HARAWAY, 2009 p. 2), ou seja, o *cyborg* - além de ser uma metáfora das ficções científicas - é também a visibilidade da transmutação bioquímica dos corpos do final do século XX e do século XXI, possibilitando a ruptura epistemológica de categorias axiomáticas: “O *cyborg* é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material; esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica” (HARAWAY, 2009 p. 2)

Esta alegoria representa a ruptura do sujeito moderno e a quebra das fronteiras de conhecimentos e produção desses conhecimentos. A autora sinaliza essa fragmentação do sujeito-homem ocidental através de “três quebras de fronteiras cruciais, as quais tornam possível a análise político-ficcional (político-científica)” (HARAWAY, 2009 p. 4- 5). A primeira fronteira “esta completamente rompida” (HARAWAY, 2009 p. 4-5) entre humano e animal. Construída sobre a ideia de superioridade humana em relação aos outros animais, estaria fragmentando-se devido à ascensão jurídica de direitos e leis em benefício de alguns animais. Esta fronteira coloca em xeque a natureza humana como única produtora de cultura, diminuindo a distância entre essas duas categoria humano/cultura e animal/natureza. A segunda seria a fronteira, como afirma a autora, mais propícia a vazamento: a proximidade do

humano/animal *verus* a máquina. Com a possibilidade da maquinização do corpo por meio de *chips*, próteses, implantes, cirurgias, a incorporação de produtos sintéticos e químicos essa fronteira é difundida no *cyborg*.

(...) as máquinas do final do século XX tornaram-se completamente ambíguas a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é extremamente criado (...) (HARAWAY, 2009 p. 6)

A terceira seria uma quebra de fronteira derivada da segunda: a fragmentação do físico e do não-físico. Esta fronteira rompe a ideia espacial e temporal do presente, e atravessa nossos corpos com a possibilidade não-física de estarmos conectados com outros corpos através de aparelhos e ondas magnéticas.

(...) os dispositivos microeletrônicos são, tipicamente, as máquinas modernas: eles estão em toda parte e são invisíveis. A maquinaria moderna é um deus irreverente e ascendente, arremedando a ubiquidade e a espiritualidade do Pai. O *chip* de silício é uma superfície de escrita; ele está esculpido em escalas moleculares, sendo perturbado apenas pelo ruído atômico – a interferência suprema nas partituras nucleares. A escrita, o poder e a tecnologia são velhos parceiros nas narrativas de origem da civilização, típicas do Ocidente, mas a miniaturização mudou nossa percepção sobre a tecnologia”. (HARAWAY, 2009 p. 7)

A figura do *cyborg* representa a temporalidade fluída, aberta e reprogramável da aceleração da pós-modernidade; e a ruptura essencializadora da natureza humana onde imperava o protagonismo mascarado de neutralidade do sujeito universal, homem, cisgênero, banco, heterossexual. Como Haraway ironicamente descreve, o *cyborg* é um corpo conscientemente político, que age a partir dessa premissa: “o ciborgue está determinadamente comprometido com a parcialidade, a ironia e a perversidade. Ele é opositorista, utópico e nada inocente”.(HARAWAY, 2009 p. 3). Parte da incorporação da máquina deslocando do centro do seu corpo o sexo, passando a ter não dois sexos, mas milhares de implantes, hormônios, peças, gêneros.

O *cyborg* também faz parte dos escritos contrassexuais de Preciado, a temporalidade do corpo *cyborg* é a evocação primeira do surgimento das práticas contrassexuais, onde o autor rompe com o tempo/espço construtivista e abre terreno para o conceito de tecnologia. Este conceito é a base do Manifesto Contrassexual, onde Preciado anuncia:

[a *contrassexualidade*] define sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”,

“mulher”, “heterossexual”, “homossexual”, “transexual”, bem com suas práticas e identidades sexuais, não passem de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios....(PRECIADO, 2014 p. 23)

A contrassexualidade - apresentada por Preciado na alegoria da sociedade contrassexual - é a incitação ao desvio das normas e comportamentos heterocentros como ferramenta para a reapropriação de códigos da sexualidade (sexo e gênero) por corpos ditos “abjetos”, proibidos e incapacitados; e o deslocamento do conceito de natureza para o conceito de tecnologia, onde a produção de conhecimentos coloca-se como potência para produção de novas verdades sobre o corpo, sexo, gênero e sexualidade, afastando estas categorias de uma essência pré-discursiva.

Preciado acredita que o corpo é um “texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual” (PRECIADO, 2014 p 26) que por meio do sistema de sexo/gênero estabiliza corporalidades naturalizadas, fazendo com que os corpos que não enquadram-se nesse sistema binário sejam “sistematicamente eliminados ou riscados” (PRECIADO, 2014. p 26). Sendo assim a Contrassexualidade tem a tarefa de enunciar esses espaços errôneos e invisíveis da produção de corpos sexuais e trazê-los para o centro do discurso:

a contrassexualidade [busca] as falhas da estrutura do texto (corpos interssexuais, hemafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes...) e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentros (PRECIADO, 2014 p 27)

O autor não nega a existência e a permanência das categorias de sexualidade que já existem, como a heterossexual, mas afirma que a importância de colocá-la em evidência faz com que a tratemos como tecnologia inventada e não como potência espontânea e instintiva dos corpos

o que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e gênero, assim como suas instituições. Não se trata de substituir certos termos por outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação (PRECIADO, 2014 p. 28)

A ideia de reapropriação dos códigos de produção da sexualidade - em relação as práticas sexuais e a performatividade de gênero - dá-se de multiformas e são, como explica o autor, “brincadeiras ontológicas” (PRECIADO, 2014 p 31) com o intuito de destabilizar “sexualidades falsas” (PRECIADO, 2014 p 31), ou seja, ditas naturais.

Para sinalizar o deslocamento do sexo e da sexualidade hegemônicas, o autor expõe alguns usos descentralizadores do corpo como potência subversiva, como por exemplo: uso do ânus como novo centro democrático de excitação e prática sexual; performatividade e materialidade da transexualidade; experiências com dildos; BDSM e práticas sadomasoquistas não patologizadas.

O USO POLÍTICO DO ÂNUS

Preciado enfatiza que o ânus é a verdadeira máquina produtora da sociedade contrassexual “Os trabalhadores do ânus são os novos proletários de uma possível revolução contrassexual” (PRECIADO, 2014 p 32) as razões desta afirmação, o autor direciona três, sendo a primeira: o ânus como o centro erógeno universal não ligado a papéis de gênero, ou seja, todos temos ânus e por isto ele toma um lugar democrático em relação aos outros locais de excitação corporais; o ânus como de passividade, aberto a produção de novos prazeres e desejos por não ser reconhecido diretamente como ponto de excitação; e por último, o ânus é um espaço livre da reprodução (diferente dos órgãos genitais) e distante da romantização do sexo. O ânus é a brecha corporal para a desnaturalização do sexo, pois como finaliza Preciado “Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero “se caga””(PRECIADO, 2014 p 32)

A PRÁTICA SEXUAL COM DILDOS

Preciado teoriza toda sua obra em relação a descentralização do pênis heterossexual e a utilização plástica do dildo, enfatizando a crítica de Butler em relação as feministas antidildos, traçando um paralelo analítico na ligação do discurso das mesmas e do discursos de homofóbicos. Para Butler o que ligaria esses dois discursos politicamente diferentes seria a

ideia de que “todo o sexo fállico é hétero e todo sexo hétero é fállico” (PRECIADO, 2014 p 77). A naturalização do pênis como centro protagonista de qualquer tipo de penetração seria o que liga esses dois discursos. Para Preciado, falsificação do dildo – que seria um órgão, um prótese, um objeto, uma paródia – destabilizaria completamente a figura do pênis como natural. O uso do dildo nas práticas sexuais só reafirmaria que não existe mais a necessidade naturalizadora de um pênis para que haja sexo, pois a relação plástica que o dildo exerce não o faz um imitação do pênis, mas sim, uma prótese retirada de um corpo e colocada em diversos lugares do mesmo para realizar multifunções de produção de prazer:

o dildo revela-se (...) mais um instrumento entre outras máquinas orgânicas e inorgânicas (as mãos, os chicotes, os pênis, os cintos de castidades, os preservativos, as línguas etc) e não simplesmente como réplica de um único membro (...) A invenção do dildo supõe o final do pênis como origem da diferença sexual. Se o pênis é para a sexualidade o que Deus é para a natureza, o dildo torna efetiva, no domínio da relação sexual, a morte de Deus anunciada por Nietzsche (PRECIADO, 2014 p 79- 80)

O dildo seria o outro centro das práticas contrassexuais pois tem a potencialidade tecnológica de tirar do centro do prazer o pênis heterossexual.

A EXPERIÊNCIA TRANSEXUAL

A transexualidade como performance e como materialidade também são as bases da contrassexualidade. O autor afirma que as práticas de travestimento como Drag queen (homens que performatiza mulheres); Drag King (mulheres que performatizam homens), partem da premissa que a reapropriação dos códigos de gênero impostos são experiências abertas e fluidas para o uso dos corpos. A materialidade do sexo, como no caso das pessoas transsexuais, travestis, intersex também alimentam a sociedade contrassexual pelo posicionamento de abjetos que tomam dentro do sistema cisheteronormativo - sendo corpos potencialmente desviantes dentro dessa norma - mas epistemologicamente existentes dentro da lógica contrassexual, onde os códigos de sexo/gênero estão abertos para o uso dos “corpos falantes”:

a contrassexualidade denuncia o controle atual das práticas transexuais pelas instituições públicas e privadas de caráter estatal heteronormativo, uma vez que estas impõem a mudança de sexo de acordo com modelos anatomico-políticos fixos de masculinidade e feminilidade (PRECIADO, 2014 p 39)

BDSM E PRÁTICAS NÃO PATOLOGIZANTES

As práticas BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo) são práticas sexuais performáticas que tem o objetivo de descentrar a dor como uma sensação ruim e colocá-la em relação com o prazer.

Para Preciado as práticas BDSM são formas de resistência ao descentrarem a normatividade do sexo romântico “as experiências sadomasoquistas apropriam-se de tecnologias de repressão/produção para as transformarem em tecnologias de resistência através do controle da dor e do prazer” (PRECIADO, 2014 p 80). Estas estratégias sexuais também fazem parte de práticas de cortes corporais, sangramentos propositivos e sangramentos orgânicos (menstruação, ferimentos já existentes), marcas (com ferro em brasa), escalpelização (abertura de buracos no corpo, nas orelhas) , formatação do corpo (utilizando corpetes), mutilação e outras formas de levar o corpo aos seus limites.

As práticas contrassexuais e a metáfora do sujeito *cyborg* são referências as ações pós-pornográficas e pornoterroristas do uso do corpo. Ler e entender a sexualidade, sexo, gênero como um texto construído politicamente por meio de reapropriações dos códigos de naturalização heterossexuais, e transformar o discurso das práticas sexuais em uma ferramenta ontológica de produção teórica sobre o corpo. A abertura prática para vislumbrarmos a ruptura frenética das naturalizações normativas do sistema encontraremos na Espanha, mais especificamente em Barcelona, nas performances de três grupos (Quimera Rosa, Diana Pornoterrorista e Post-Op) esteticamente diferentes com multipluralidades, mas com um objetivo em comum: dinamitar as práticas sexuais dominantes e visibilizar corpos ditos mutantes.

4 - CORPO EM FÚRIA: PRÁTICAS PÓS-PORNOGRÁFICAS E PORNOTERRORISTAS NA ESPANHA

O terceiro e último capítulo tem a finalidade de apresentar como as práticas dos grupos espanhóis Post-Op, Quimera Rosa e Diana Pornoterrorista relacionam-se com as teorias apresentadas por Donna Haraway e Paul B. Preciado – do sujeito *cyborg* e das práticas contrassexuais. Primeiramente contextualizaremos a emergência desses grupos dentro da ideia de Multidão Queer apresentada por Preciado e o surgimento do Transfeminismo, visibilizando como nasce a pós-pornografia na Espanha. Analisaremos dois textos escritos, respectivamente, pelos integrantes do Post-Op e da Quimera Rosa – tirados do dossier “*transfeminismos: epstemas, fricciones y flujos*”³⁹- e fragmentos do Manifesto Pornoterrorista⁴⁰. Também usaremos como fonte plataformas online onde os grupos organizam-se em manifestos, colocam fotos e vídeos das performances e falam sobre as motivações de cada ação. O recorte usado para analisar às práticas pós-pornô e pornoterroristas dos grupos seguirá a lógica das teorias já apresentadas: sujeito *cyborg*, as práticas contrassexuais, uso de dildos, experiências transexuais e BDSM.

4.1 - ESPANHA: A MULTIDÃO TRANSFEMINISTA

O transfeminismo surge na Espanha após intensas organizações e articulações de grupos minoritários que reivindicavam espaço dentro do movimento feminista. Segundo a autora Marian Solán – do doissie transfeminista – o movimento de gays, lésbicas, transgêneros da Espanha já se mobilizava dentro do feminismo nos anos 70 e 80, mas com a

39 Miriam Solá & Elena Urko (org.), *Transfeminismos – epistemias, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, 2013

40 Encontrado no *site* Pornoterrorismo acessado dia 24/06/2016 às 01h:13min <https://pornoterrorismo.com/lee/manifiesto-pornoterrorista/>

chegada da teoria *queer* nos anos 90 alguns personagens novos começaram a ocupar esses espaços e reivindicar essa luta em uma proposta mais ampla: o transfeminismo. Este termo tem por finalidade a abertura dos códigos do feminismo para a desnaturalização dos sexos e gêneros e a possibilidade do uso de identidades fluidas e situadas, como por exemplo: comionera, bollera, marimacho, maricon, etc.

Também sinaliza o afastamento do inglês *queer* (termo com uso pejorativo direcionado a comunidade gay e reapropriado como identidade política) e a aproximação de um conceito mais palpável e tangível a realidade espanhola, ao cotidiano trans: o transfeminismo

Algo mais tangible, más contextualizado, más local, cargado de potencia y de frescura, y que parece contener una importante fuerza movilizadora. Este “nuevo” vocablo materializa la necesidad política de hacerse cargo de la multiplicidad del sujeto feminista (SOLÁN, 2013 p. 2)⁴¹

Surge também, dentro desse contexto transfeminista, a luta pela não-vitimização da prostituição, pela possibilidade de uma outra pornografia, pela visibilidade do corpo gordo, incapacitado, marginalizado, mas principalmente, situar o feminismo dentro de práticas e pluralidades abrangentes que existem nos códigos da sexualidade.

poner en el centro del debate relaciones, acuerdos y desacuerdos con determinados postulados feministas, una llamada a problematizar ciertas formas de feminismo que, pensábamos, no querían dialogar con lo queer, con lo trans, con lo porno, con lo puto, con lo ciborg... decíamos que “el sujeto mujer se nos había quedado pequeño” y nos parecía “excluyente por sí mismo”, dejaba fuera muchas cosas que hablaban de nosotras, de nuestras vidas, deseos y prácticas, comunidades y subculturas (SOLÁN, 2013 p. 3)

A análise de Preciado sobre a emergência do *queer* na Europa ajuda a entendermos o caminho traçado pela pospornografia espanhola. O autor esclarece que os grupos *queer*

41 Miriam Solá & Elena Urko (org.), *Transfeminismos – epistemes, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, 2013.

européus nascem da aproximação de grupos periféricos transgêneros com teorias anarquistas, colocando em evidência a desontologização de identidades fixas e pré-discursivas do “Império Sexual” (PRECIADO, 2010)⁴², fazendo visíveis – não mais identidades como gays, lésbicas, homossexuais – mais uma *multidão queer* identificada estrategicamente com denominações fluidas.

O que importa não é a “diferença sexual” ou a “diferença dos/as homossexuais”, mas as multidões queer. Uma multidão de corpos: (...) transgêneros, homens sem pênis, gounis graous, ciborgues, femms butchs, bichas lésbicas.... a “multidão sexual” aparece, assim, como o sujeito possível da política queer (PRECIADO, 2010 p. 4)

A pós-pornografia faz parte do cenário da multidão queer ao reapropriar os códigos da pornografia convencional, aproximando do feminismo a possibilidade de uma nova produção pornográfica de sexualidade. Construindo outras formas de desejo e de corpos desejáveis ao colocar em *cena* a multidão sexual de bichas, sapatões, viadas, transgêneros, gordas e interináveis identificações políticas.

os corpos da multidão queer são também as reapropriações e os desvios dos discursos da medicina, anatômica e da pornografia(...) A multidão queer (...) se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes” (PRECIADO, 2010 p. 5)

As práticas pós-pornográficas dos coletivos Post-Op, Quimera Rosa e Diana Pornoterrorista surgem desse contexto e fazem parte desta multidão queer ativista. Esses coletivos e outros da Espanha e Europa produzem diversas ações e mobilizações para visibilizar outro tipo de produção pornográfica, como por exemplo, a *Maratona Posporno* de Barcelona encabeçada por Paul B. Preciado em 2003, onde esses coletivos encontraram-se, e ramificados, começou a organizar-se como *manada posporno*.

42 PRECIADO, P.B. *Multidões Queer: notas para uma política dos anormais*. 2010. Este artigo foi traduzido por Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveiras a partir do texto original em francês, publicado em 2003 na revista *Multitudes* (Beatriz PRECIADO, 2003)

4.2 - POST-OP: A MÁQUINA INCAPACITADA

Recorro tu cuerpo extraño, cuerpo por descubrir (...) Encuentro decenas de orificios que penetrar en tus extremidades. (...) Me recuerda a antiguos orificios humanos, a vaginas olvidadas. (...) Tu cuerpo me invita a entrar, meto mi garra por tus agujeros arenosos mientras gimes de placer en frecuencias desconocidas para mí hasta ahora. (...) sé quemé miras con deseo desde esos ojos pixelados. (...) me tocas mis pechos, unos tras otros, hasta acariciar los ocho. (...) Recuerdo viejos tiempos con seres de un solo sexo, seres de antaño de sexos binarios de acropoles reproductores. Seres previos a la mutación. Ya no nos queda nada de aquellos humanos. Solo el deseo (Performance Fantasía Postnuclear – Post-Op, 2003)⁴³

Post-Op (imagem 1 em anexo) é um grupo ativista que estuda e experimenta gênero e pós-pornografia. Produzem ações na rua ou em gravações audiovisuais, proporcionando também oficinas abertas para a experimentação, especificamente, de corpos incapacitados ou com deficiências funcionais, onde a ideia do *cyborg* sempre está presente.

Proyecto que apuesta por la resexualización del espacio e de la espera pública y la relectura crítica del discurso normativo. Seres vivos creativos se unen para generar un espacio de trabajo híbrido que aborda sexualidad y género desde la noción de cuerpo y performance. Cuerpos, roles, e morfologías aprecen como entes em tránsito que cuestionan el orden legitimador y proponen prácticas sexuales y géneros no esencializados (POST-OP)⁴⁴

O coletivo Post- Op acredita que o espaço da rua é intrinsecamente político e potencialmente terrorista pois rompe com os espaços “destinados ao sexo”, sendo a rua um não-lugar de práticas sexuais. Acreditam que o espaço público seja o palco primordial de ações:

vimos necesario llevar al espacio publico (...) todas esas inquietudes respecto al sexo, al genero y a la pornografía. (...) creemos también que la irrupción

43 Post Op. De placeres a monstruos. Interrogantes em torno al postporno. Em: Miriam Solá & Elena Urko (org.), *Transfeminismos – epistemes, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, 2013. (pp.193-206).

44 Plataforma POST-OP acessada dia 28/06/2016 às 03h:21min <http://postop-postporno.tumblr.com/>

en el espacio público es un cambio que nunca debemos abandonar (POST-OP, p. 205)

A base de estudos do coletivo é a metáfora do sujeito *cyborg*, onde fios, eletricidade, choques, explosões, *chips* e placas metálicas representam corporalidades abertas, desejos e sentires. Por meio deste novo organismo-máquina - que foge completamente da estética humana - faz-se a crítica de forma direta as categorias de gênero, raça, classe, possibilitando reinventarmos as práticas sexuais hegemônicas.

el personajes cibog que escapaban totalmente de las categorías de sexo, género, raza y normalidad corporal. Imposibles de leer como hombres ni como mujeres, ni siquiera como humanos. (POST-OP, 2013 p 189)

Além do *cyborg* outras práticas comuns da pós-pornografia são usadas de forma localizada e apresentando reivindicações necessárias ao grupo no momento das ações:

(...) prácticas bastante bizarras que incluían bdsm, utilización de prótesis, personajes mutantes, ciborg, estética ciber-punk o sexo en público(...) (POST-OP, 2013 p. 197)

O Post-Op, em seus escritos, reforça a ideia de que suas práticas condizem com o feminismo transfeminista e que a partir dele abre-se espaço para falar de pornografia, prostituição, de possibilidades corporais além do sujeito mulher:

para nosotras el posporno es intrínsecamente feminista o, más aun, intrínsecamente transfeminista, porque ya sabemos que feminismos hay muchos y nosotras partimos de un feminismo prosexo y de un sexo político que va mas allá de la categoría mujer (POST-OP, 2013 p. 197)

O coletivo, ou a manada – como eles mesmos referem-se – tem a finalidade contínua de “poner el cuerpo para hacer deseable lo invisible. El deseo es algo construido, construyamos otros deseos que rompan con las categorías de sexo, género y normalidad corporal”, e principalmente a possibilidade de corpos diagnosticados “deficientes” - ou com diversidades funcionais – descobrirem-se além do discurso médico, vendo-se como corpos desejáveis e desejantes. A través desse impulso o Post-Op realizou uma oficina pós-pornô , em

2003, chamada : *Yes, we funck!* ⁴⁵A ideia da oficina era possibilitar que corpos com diversidade funcional entendessem e produzissem sexualidades novas através dos estímulos corpóreos, sonoros e sensoreais.

No podemos hablar de poner el cuerpo cuando no se están dando las mismas posibilidades para todxs (...) nuevos imaginarios y practicas a la sexualidad propiciando una visión positiva de la diferencia (...) si queremos ampliar imaginarios debemos generar un porno más allá de la mirada: un porno sonoro, un porno táctil...un porno pensado para cuerpos con capacidades sensoriales muy diversas (POST-OP, 2013 p 202)

A máquina incapacitada do Post-Op flerta com travestimento, com jogos BDSM, dildos ciborgs e com a explosão orgástica de multipossibilidades de *ver, entender e fazer* sexo.

4.3 - QUIMERA ROSA: O HÍBRIDO PÓS-PORNÔ

*Quién eres, mi amor?
XX? XY?XXY?*

*Llevamos el código puesto, y pita cada vez que pasamos la puerta del baño.
H? M?*

*Entramos juntas y follamos. Una historia. La nuestra.
Una Historia de Q, una historia de A. Una historia X. Gode is love.
H+H?, H+M?, M+M?*

*Des-generar el género para encontrarse. Las Quimeras existen y son rosas.
Dada pasea por 20 siglos de siglas y saca su dildo. La Gioconda es trans y se lo pasa bigote.
Devenir en deseos que se hacen carne. Donde una misma dibuja los
territorios del placer ¿Me das o te doy por culo?*

*El sexo es una química programada y re-programable. Nos toca mutar, mi amor. ¿Otra
raya? ¿Cuántas somos?
Multiplicarnos en vez de reproducirnos.*

*Pervertirnos. Y con elegancia. Guantes de látex puestos. Ser anormales para poder vivir. We
don't like the straight way.
Cuerpo como texto, pretexto, escrito, re-escrito, suscrito; a nuevos
sexos hechos y des-hechos.
Plástico que se hace carne, carne que se hace plástica. Derretida,
moldeada, siliconada, deformada, reformada, lubricada, mojada...
Hecha a medida.*

XQ (QUIMERA ROSA)⁴⁶

A quimera rosa (Imagem 2 Anexo) é um “laboratório de experimentação” iniciado por um casal de pessoas descontentes que suas práticas sexuais aconteciam na tranquilidade da vida privada, então decidiram torná-la pública. Leitores de Donna Haraway, suas performances, vídeos, ações, fotografias, escritos são fundamentados nas teorias do *cyborg*, de um ser híbrido não-naturalizado:

es un laboratorio de experimentación e investigación sobre identidades, cuerpo y tecnología. Desde una perspectiva transdisciplinar queremos desarrollar prácticas productoras de identidades cybogs y no naturalizantes. Partimos de la noción de cyborgs desarrollada por Donna Haraway, quien los define como “quimeras, híbridos teorizados y fabricados de maquina y organismo (QUIMERA ROSA)

Partem de uma perspectiva de discursos transfeministas e pós-estruturalistas para questionar o corpo e as práticas heteronormativas. A Quimera identifica-se como processo criativo e artístico, transformando o sexo e a sexualidade nos centros de suas obras de arte. Também buscam uma política do corpo híbrido, consciente e irônico, repleto de novos códigos e acessos livres: como hormônios, plásticos, moléculas, redes, fios.

Hacemos política del próprio cuerpo en la búsqueda de identidades híbridas y no naturalizantes, experimentando con prácticas sexuales que no reproduzcan el orden heteronormativo em vigor (...) Somos quimeras y las quimeras existen. Mezcla de carne, plástico, datos, moléculas, silicona, máquina... Nuestra naturaleza es la prótesis (QUIMERA ROSA)

Questionam a hegemonia da pornografia e acreditam que as ações artísticas e laboratoriais na rua possibilitam a representatividade de corpos desviantes: “una realidad vivida; hacerla visible y darle espacio a sexualidades no representadas por el imaginario dominante” (QUIMERA ROSA). Além das práticas *cybogs* e de criação artística, as quimeras entendem a sexualidade como motor de novos afetos e desejos pós-apocalípticos, onde todos já são máquinas anti-sistémicas.

(...) hibridación cuerpo/máquina/entorno(...) mediante la incorporación de dispositivos electrónicos conectados al cuerpo mediante técnicas BDSM y el uso de las propiedades electro-químicas de ciertos elementos (...) Experimentando identidades trans-género y buscando realidades postgénero,

46 Plataforma Quimera Rosa acessada dia 28/06/2016 às 03h:23min <http://quimerarosa.net/>

representamos nuestra sexualidad para crearla. Buscamos, dildos em mano, vías para desdijuar una larga lista de binomios: hombre/mujer, homo/hetero, natural/artificial, normal/anormal, público/privado, representación/vida. Y, mientras existen estos binomios, seguiremos reconociéndonos como anormales para, así, poder seguir viviendo (QUIMERA ROSA)

4.4 - DIANA TORRES: A POETISA PORNOTERRORISTA

Tremendo Amanecer:

(...) quiero incendiar el mundo:

un tremendo amanecer.

Los contratos del enemigo,

su História mal contada,

sus diagnósticos clínicos,

sus sentencias de muerte,

sus libros de salmos,

sus manuales de buenas constumbres,

sus tratados de política

(...) mi orgasmo apocalíptico de desparrama.

Todo es fuego, ceniza, amanecer.

Me corro sobre ti, mundo,

para odiarte mejor (TORRES, Diana. Pornoterrorismo, 2010 p. 158)⁴⁷

O pronoterrorismo é um conceito batizado por Diana Torres (Imagem 3 Anexo) em 2001⁴⁸ e uma arma de guerra, um código aberto e livre para acesso de todos aqueles que detestem o sistema heteronormativo e tenham raiva e o desejo de mudança:

47 Torres, D. Pornoterrorismo. Tafalla: Txalaparta, 2011.

(...) El pornoterrorismo es una forma de insurgencia, divergencia, contra hegemonía, subversión, una insurrección sexual, y una objeción de género (...) es una estrategia artístico-plítica para hacer de nuestros cuerpos la mejor arma (MANIFESTO PORNOTERRORISTA)

Diana Torres é a figura central do Pornoterrorismo: poetisa, performer e terrorista. Adiverte que o pornoterrorismo não é um caixa fechada pronta para virar objeto de estudo, mas sim uma eterna bomba relógio – fabricada por qualquer um – e pronta para estourar com a normalidade dos sexos:

el pornoterrorismo es libre, politico y precario, aunque tambien puede devenir en el objeto de estudio de intelectuales e intelectualoides. No tiene telos ni lideres, ni subcomandantes, ni cuadros, ni autoridades, puesto que no es, em principio, mesiánico. Es un medio, no un fin. (...) no discute con su enemigo ni se defiende, simplemente ataca (MANIFESTO PORNOTERRORISTA)

O pornoterrorismo vem do berço da teoria *queer* e transfeminista, é herdeiro legítimo da pós-pornografia e das teorias cyborg e contrassexuais. Relaciona-se com a popularidade das ruas e com fundamentos anarquistas e punks da Espanha. Suas armas são corpo, sangue, orgasmo e choque, ou seja, o terror de corpos raivosos:

el pornoterrorismo (...) por el movimiento queer, em parte por el posporno, em parte por la rabia y la necesidad de expresar ideas inexplicables con los códigos del enemigo (...) es el fruto desviado de las películas gore de serie Z de los 80, el arte de Annie Sprinkle,(...) Virginie Despentes, Paul B. Preciado y la pospornografía, entre otras muchas cosas. Fruto regado con los flujos de muchxs perrxs anónimxs, mucho alcohol y sustancias varidas, muchas orgías entre amigxs y muchas vacanales. (MANIFESTO PORNOTERRORISTA)

Os pornoterroristas lutam pela produção de novos desejos e corporalidades, e pela demolição do sistema opressor de sexo/gênero, por meio de “destruir los dispositivos de fabricación de los géneros y así generar una contraproductividad desde el placer-sabiduria”(MANIFESTO PORNOTERRORISTA). As práticas realizadas nas ruas – callejeras, como dizem – traçam algumas caminhos de ações, como apontam os pornoterroristas no seu manifesto:

Hasta ahora, la forma más común de representación del pronoterrorismo ha sido la performance escénica (tambien la accion callejera, el pornoasalto y los

talleres) (...) como: poemas dichos com rabia; imagens arretorizantes que produzcan choque (...) sexo em vivo (...) desde el fisting hasta la desgenitalización, pasado por la zoo-necrofilia, los dildos, elementos del BDSM y del body art (flagelación, agujas, cortes, esfixias, etc); fluidos e escatologia. (MANIFESTO PORNOTERRORISTA)

O pornoterrorismo é a incitação à violência realizada pela norma do sistema sexo/gênero aos nossos corpos e sexualidade, denunciando publicamente o inimigo é estatal, religioso e médico, proporcionando a construção de novas formas de desejo e prazer que dinamitem a sexualidade dominante “Que llueva sangre y flujo, que venga el reino del pornoterror” (MANIFESTO PORNOTERRORISTA)

Estas práticas vislumbram as possibilidades de reapropriação dos códigos hegemônicos de sexualidade, desviando-os e produzindo outros tipos de desejos, corpos e realidades sexuais. A pós-pornografia e o pornoterrorismo são exemplos de desontologização dos sujeitos homem e mulher, e a materialização evidente da desnaturalização do corpo, transformando-o em tecnologia potente e ontologicamente possível a diversas recriações e invenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Concluo esse trabalho com a sensação de que apenas vislumbrei faíscas dentre as muitas existentes no universo misterioso e nebuloso do corpo. Aqui, trilhamos pelos caminhos da construção do corpo sexualizado, passando pelo processo de transição de um sexo único para a incomensurabilidade dos dois sexos durante os séculos XVIII e XIX e a sua permanência como verdade axiomática até os dias de hoje. Através desta exposição histórica sobre as verdades produzidas e reproduzidas sobre o sexo moderno – discursos médicos, biológicos, anatômicos e sócio-políticos – introduzimos a importância de repensar e problematizar as produções discursivas essencializadoras e naturalizadoras, formuladas e legitimadas por verdades inquestionáveis e categorias estaques, como as de natureza, homem, mulher, heterossexual, homossexual, feminino, masculino, sexo, gênero, corpo, etc. Por meio de conceitos inovadores e desterritorializados, como por exemplo - tecnologia, farmacopornografia, dispositivo, materialidade, ciborguismo – conseguimos vislumbrar a brecha teórica e metodológica para uma ruptura epistemológica das verdades sobre o sexo e a

sexualidade, penetrando – desta forma – no mundo da pós-pornografia e do pornoterrorismo, onde corpos dissidentes e abjetos são centro da produção de novos desejos, imaginários, sexualidades através de práticas sexuais que fogem da heteronormatividade, propiciando um deslocamento ontológico do corpo.

Estas linhas expuseram possibilidades existentes de se pensar o corpo como textualidade, código aberto, laboratório experimental – ou seja – potencialidades que existem em rescrevê-lo, produzi-lo e recitá-lo como processo de materialização exercido pelas relações de poder-saber; como brecha teórica para descentrar o binarismo dos sexos, subvertendo e recriando novos códigos de sexualidade; como arma política e ontológica para visibilizar a pluralidade e a complexidade corporal, introduzindo a historicização e localização dos corpos em tempo e espaço. Assustando-nos de uma visão fixadora, essencializadora e naturalizadora – muitas vezes encontrada na escrita desta disciplina, como anunciará Scott - que cercia a emergência de outros corpos, taxando como universais apenas duas corporalidades: a feminina e a masculina.

Para *testar* esse deslocamento analisei as práticas sexuais utilizadas na pós-pornografia e no pornoterrorismo espanhol (Post-Op, Quimera Rosa e Diana Pornoterrorista), onde ações na rua ou em audiovisuais tem por finalidade a ausência do homem-cis-heterossexul, principalmente no que condiz a produção e filmagem das ações. Estas práticas, que reapropriam os códigos visuais da pornografia comercial, subvertem a normalidade através de: uso de dildos, desgenitlaização do sexo, uso do ânus, práticas BDSM, transsexualidade, afastamento das categorias homem e mulher, etc. Esses coletivos demonstram que o corpo é um espaço político de intensa invenção e produção propício para subverter códigos de sexualidade hegemônicos e desenraizar naturalizações, mas principalmente, demonstram o poder discursivo e linguístico do corpo como desterritorializador de verdades sobre o sexo, o gênero e a sexualidade.

As práticas pós-pornográficas e pornoterroristas nascem de uma relação dialética com as teorias *queer* e transfeministas. Teorias estas que pensam a ciência e sua escrita de forma a demarcar a importância de localizar-nos – como autores - em tempo, espaço e privilégios que atravessam nossos corpos e os corpos de quem estamos nos referindo em nossas narrativas. A situacionalidade do discurso evidencia – politicamente e estrategicamente – *o quê é escrito*,

por quem é escrito e como é escrito, visibilizando marcadores corporais impressindíveis, como os de gênero, raça, classe, sexo, etnia, ideologia, geografia, etc. Assim, diminuindo do nosso uso cotidiano concepções fixas e estanques como as de universalidade, unidade, progressividade – ou seja - conceitos que hegemonizam ações de sujeitos particularmente diferentes e plurais.⁴⁹

Acredito que existiam dois objetivos na minha escrita, um deles era expor a construção histórica da diferença sexual entre homens e mulheres denunciando – desta forma – as essencializações e anarconismos produzidos por nós – historiadores – ao não historicizarmos categorias dadas, colocando-as na confortabilidade das naturalizações. A outra relacionava-se a potencialidade teórica das produções pós-feministas que descentram e deslocam o conceito de Natureza colocando-o como produto das próprias tecnologias do pensar – ou seja – historicizando-o e evidenciando-o como construção do processo discursivo moderno. Para traçar e unir esses dois objetivos encontrei a brecha do corpo pós-pornográfico e pornoterrorista como *produtor* politicamente ciente do uso dos dispositivos da sexualidade para recriar, produzir e experimentar novas corporalidades e desejos, emergindo como concretude máxima da ruptura epistemológica sob a Natureza.

49 Retifico a importância da categoria política e identitária “Mulher” em questões de direitos políticos, representatividade e reivindicações sociais. O que colooa aqui é a necessidade de desnaturalizar-mos esta categorias, colocá-la como produto da história dentro do tempo, espaço e marcadores necessários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU-NOGUEIRA, Juslaine. *Pós-pornografia e a produção discursiva das sexualidades dissidentes - um estudo sobre a heteronormatividade nas representações de gênero*. Anais do 6 ° SBECE. Canoas- RS, 2015.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter*. NY: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. “*Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*”. IN: LOURO, Guacira-Lopes. *O Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade*, Autêntica, pp. 110- 127, 2000.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

COYOTE, Coletivo. *Monstruosas*. Acesso em 23/06/2016 às 20:45. Disponível em <https://monstruosas.milharal.org/tag/coletivo-coiote/>

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs 4*. São Paulo: Editora 34, 1997

DESPENTES, Virginie. *Teoría King Kong*. 1ª edición, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FASUTO-STERLING, Anne. *Cuerpos sexuados. La política de género y la construcción de la sexualidad*. Traducción de Ambrosio García Leal Editorial Melusina. Barcelona, 2006

HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Caderno Pagu (5) pp 07-41, 1995.

GRIMM, Éris. *Abrindo os códigos do tesão: feitiços de resistência entre o transfeminismo e a pós-pornografia* – UFSC, 2015.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

Ludittas Sexxxuales . *Ética amatória del deseo libertario y las afectaciones libres y alegres* – 1ª ed. mirela caserola, COLECCION (IM)PENSADOS, 2012.

MARCELLO DE AMORIN, Fernanda. *O conceito de Dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos maternos*. Educação e Realidade, 2004.

MIRIAM SOLÁ & ELENA URKO(org.), *Transfeminismos – epistemes, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, 2013

PRECIADO, Paul.B – *Activismo posporno*, 2010.

PRECIADO, Paul.B. *Multidões Queer: notas para uma política dos anormais*. 2010. Este artigo foi traduzido por Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveiras a partir do texto original em francês, publicado em 2003 na revista Multitudes (Beatriz PRECIADO, 2003)

PRECIADO, Paul.B. *Texto Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008

PRECIADO, Paul.B. *Pornotopía. Arquitectura e sexualidad em la Playboy durante la Guerra Fría*. Editorial Anagrama, Barcelona, 2010.

PRECIADO, Paul.B. *Decimos Revolución*. In: Miriam Solá & Elena Urko (org.), *Transfeminismos – epistemes, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, 2013.

PRECIADO, Paul.B. *Manifesto contrasexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PORNOTERRORISMO plataforma acessada dia dia 29/06/216 às 15h:17min.

Post-Op. *De placeres a monstruos. Interrogantes em torno al postporno*. Em: Miriam Solá & Elena Urko (org.), *Transfeminismos – epistemes, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, pp.193-206, 2013.

POST-OP. plataforma acessada dia 29/06/2016 às 15h:13min <http://postop-postporno.tumblr.com/>

TORRES, D. *Pornoterrorismo*. Tafalla: Txalaparta, 2011.

SARMET, Érica. *PÓS-PORNÔ, DISSIDENCIA SEXUAL E A SITUAÇÃO CUIR LATINO-AMERICANA: PONTOS DE PARTIDA PARA O DEBATE*. IN: *Revista de Estudos Indisciplinares em Gênero e Sexualidade*. V,1. N,1 2014.

SCOTT, Joan. *Invisibilidade da Experiência*. IN: *Proj. História*, São Paulo (16), fev. 1998

ANEXOS

Anexo 1

Bloque Tullido Trans marika Bollo para la manifestación del 28J- POST-OP, 2013. Foto accesível através da página: <http://postop-postporno.tumblr.com>



Anexo 2

2010. Barcelona. Fotos de TokioSS + Quimera Rosa. Foto acessível através da página:
<http://quimerarosa.net>



Anexo 3

Schifo, MarziaX – Roma. Foto acessível através da página: <https://pornoterrorismo.com>

